

1 INTRODUÇÃO

A Fonoaudiologia tem sua atuação inicial atrelada aos primeiros cursos de Fonoaudiologia no Brasil e muitos consideram o momento dos cursos técnicos como o originário do fazer fonoaudiológico.

Para outros autores, esse ser-fazer clínico originou-se muito antes desse marco e esteve sempre atrelado ao processo histórico sofrido desde 1910, como discutem Lucia Elena Figueiredo Neto (1988) e Ana Paula Berberian (1993) em suas dissertações de mestrado.

Ambas chamam atenção para fatores sócio-político-culturais que mapearam o cenário brasileiro trazendo novos rumos históricos que exigiram a criação de um novo profissional, na época, denominado logopedista. Essa é ainda uma das grandes discussões travadas na área fonoaudiológica, reconhecer, de fato, como e quando surgiu a profissão.

Para elas, as práticas educacionais tiveram seu início atreladas ao processo educacional, em consequência direta de alcançar um controle sistemático da língua pátria, como forma de controlar as influências de estrangeiros.

Outra grande discussão que permeia nossa formação enquanto fonoaudiólogos, é e continua sendo, a definição de nossa identidade. Discute-se a influência sofrida da Medicina, da Educação e da Lingüística, por meio das quais nos estruturamos, buscando apoio nessas para pensar nosso fazer clínico, e isso, ainda hoje, é duramente criticado e discutido.

Da Renascença até meados de 1900, a atuação curativa era exclusivamente médica, até que no início do século XX, professoras passaram a ser responsáveis pelo trabalho a ser realizado com crianças que apresentavam problemas de comunicação.

Isso ocorria a partir de formação de classes especiais cujas professoras passavam a ter um treinamento diferenciado, inclusive, pela formação e informação em matérias específicas, julgadas necessárias como a Anatomia. Porém, o que prevalece sendo discutido é que, de fato, o início da prática fonoaudiológica tem uma relação direta com o desenvolvimento histórico do Brasil, por volta da década de 1930.

Este trabalho nasceu de uma necessidade particular de responder a algumas perguntas que não nos calavam aos ouvidos, qual sejam, por que a Fonoaudiologia não se estabeleceu como profissão no Amazonas? Quais rumos a profissão tomou que não permitiu, até a data atual, um amadurecimento e a conseqüente inexistência da atuação enquanto categoria profissional? Seria somente um problema de identidade fonoaudiológica ou haveria outras questões históricas que impedem, até agora, o crescimento desta em nosso Estado?

Ao iniciarmos este processo de pesquisa, a idéia que norteava nossos pensamentos era a de que, para respondermos ao presente, deveríamos buscar na História a origem e os processos vividos por aqueles que exerceram a Fonoaudiologia quando a mesma ainda não era conhecida por esse nome na Amazônia.

Ora, só nos é possível refletirmos o atual quando buscamos na História a origem de tudo. Somente através da análise e do conhecimento dos fatos históricos de um povo, cultura e época é que podemos responder as questões em aberto, de uma maneira geral.

E mais, somente através desse recurso é que novas histórias podem ser vividas e descritas, e a partir dele, podemos trazer um significado para o presente. Sabe-se que sem fatos não é possível estabelecer uma história. Por isso, buscamos os “fatos” da profissão aqui no Amazonas

para que, de posse desse levantamento, por meio de questões levantadas e estando estabelecida a profissão hoje, pudéssemos (re) escrever a história da profissão.

Com o presente sendo vivido, o passado tendo sido reconstruído como um produto da memória, com identidade estabelecida e uma história definida, certamente nos será possível ter um futuro mais promissor.

Com base nisso, todos os nossos esforços iniciais foram nessa direção, buscamos levantar a História da Educação em nosso país, já que, todo relato anterior de colegas dedicadas a pesquisas sobre tal assunto concluiu que a história da profissão estava absolutamente relacionada com a História do Brasil.

Berberian (1995, p.26) afirma que:

a partir de abordagens do contexto sócio-cultural dos anos 20/30/40, fundamentalmente na Cidade de São Paulo e no Distrito Federal – Rio de Janeiro-, pudemos apreender interesses de diversos grupos na caracterização e unificação da língua, através de sua racionalização e simplificação.

E foi nessa direção, objetivando escrever a História da Fonoaudiologia no Amazonas, que fomos ao exame de qualificação, ficando evidente que nosso projeto era audacioso, já que contaríamos apenas, ou em grande parte, com a história oral como abordagem metodológica para realizarmos essa “montagem” histórica e que deveria nos remeter à época da colonização de nossos índios, quer dizer, havia muito a percorrer. Por isso, decidimos seguir a orientação da Banca de Qualificação a qual indicou que estudássemos a trajetória da profissão de fonoaudiólogo no Estado do Amazonas, de 1980 até a data atual.

Nessa perspectiva, a metodologia trabalhada foi de abordagem histórico-crítica que, por meio da história oral, como método, estabelecemos, através da memória, os fatos perdidos e não documentados.

Buscamos, também, registros documentais que pudessem subsidiar a construção histórica

da profissão por meio de acessos a bibliotecas, aos Conselhos Federal e Regional da 5ª Região de Fonoaudiologia.

Também foi adotada como abordagem metodológica a técnica da entrevista e a aplicação de questionários para as fonoaudiólogas atuantes no Amazonas.

Essa decisão tomada nos levou então a uma investigação de campo e documental, bem como à coleta de relatos de profissionais pioneiras no Estado, subsidiando a realização do presente trabalho.

Para referendar o cunho científico desses dados, foi elaborado um questionário (anexo 1) e este foi enviado para 100 fonoaudiólogos, selecionados dentro de um critério científico de amostragem, com base no dado fornecido pelo Conselho Regional em setembro de 2006, que nos apontava um número de 128 profissionais atuantes e inscritos regularmente junto à autarquia.

Segundo a regra de aplicação escolhida, para darmos valor científico à pesquisa do ponto de vista estatístico, desses 128 fonoaudiólogos precisávamos coletar respostas em apenas 20.

Considerando todas as possibilidades de não sucesso, decidimos por enviar este número de questionários bem acima do necessário. Esse processo de coleta de dados foi longo, árduo e muitas vezes, desanimador, mas, ao final do processo, tínhamos colhido informações junto a mais de 60 profissionais atuantes no ano de 2006 e tínhamos levantado, por meio do questionário, um número de 26 profissionais.

Paralelamente a essa abordagem metodológica, fizemos gravação de vídeo com 3 fonoaudiólogas. Essas entrevistas atenderam a todas as regras metodológicas para se tornarem dados que compuseram nosso trabalho.

Tanto os 26 questionários colhidos quanto as 3 entrevistas realizadas tiveram seu conteúdo devidamente autorizado pelas entrevistadas, seguindo as normas metodológicas de aplicação de dados em pesquisa.

Esse trabalho foi dividido cuidadosamente em capítulos que atenderam ao nosso objetivo principal que foi escrever a história da profissão no Estado do Amazonas, dos pioneiros até os profissionais atuantes em 2006.

No primeiro capítulo, contamos com uma revisão literária sobre a Fonoaudiologia no Brasil, trazendo relatos de outras pesquisas, produções e documentos sem, contudo, esgotá-los, já que, ao longo dos anos, foram surgindo inúmeros trabalhos dentro da Fonoaudiologia.

Ficou claro, durante a elaboração desse capítulo, que o início do exercício profissional não esteve relacionado ao início dos cursos acadêmicos; que a História da Fonoaudiologia esteve relacionada com a História do Brasil, dentro dos marcos econômicos e sociais; e que a área de atuação hoje exercida está inteiramente relacionada com a constituição histórica do país.

Passado isso, constituímos o segundo capítulo que trabalhou, inicialmente, o conceito de qualificação e competência, dentro do movimento de expansão do capital. Discorremos, ao longo do mesmo, como o capital, em meio à crise, lança mão de um novo modelo que possa atender aos seus interesses de lucro e, ao fazer isso, modifica todo o conceito de trabalho, as relações estabelecidas nesse contexto e traz à existência a massante idéia de que a conquista de emprego está diretamente proporcional à qualificação do trabalhador. Mostra claramente, também, como essa dinâmica do capital afeta as instituições públicas e privadas e modifica a gestão do sistema de saúde.

No terceiro capítulo, foi descrita a Fonoaudiologia enquanto profissão no Amazonas. Para tanto, lançamos mão, inicialmente, de nortear o leitor de uma maneira geral, sobre o processo de

desenvolvimento econômico vivido no Amazonas desde o momento histórico da coleta das drogas do sertão até a implantação da primeira fase da Zona Franca de Manaus.

Feito isso, passamos a traçar o perfil do profissional fonoaudiólogo que veio atuar no Amazonas desde o final da década de 1970, início dos anos de 1980. Tarefa difícil, dado à inexistência de documentos oficiais e pelo fato de muitos não mais atuarem no Estado.

Na seqüência, caracterizamos a atuação desse profissional no Amazonas, dentro do mesmo período até o ano de 2006, onde atuou e como, quais obstáculos encontrou, que tipo de apoio e incentivo, oriundo das esferas públicas, obteve para a sua inserção nos quadros de saúde e educação do Estado.

Por último, foi feita uma análise de como está a profissão no Amazonas, levando em consideração, para análise, o conteúdo abordado no segundo capítulo. Foi discutida a formação do profissional e como o capital influencia e impede o crescimento e amadurecimento da profissão no Estado.

Este, pois, o corpo do nosso trabalho, que foi gerado ao longo de dois anos de pesquisa e que buscou escrever a História da Fonoaudiologia, enquanto profissão no Amazonas.

2 OBJETIVOS

– Geral

Escrever a história da profissão no Estado do Amazonas.

- Específicos

Descrever qual o perfil dos profissionais atuantes no Estado;

Caracterizar a atuação profissional no Amazonas;

Refletir sobre a qualificação e a noção de competência do profissional no Estado do Amazonas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A História, enquanto construção do conhecimento de fatos passados, através dos historiadores, sempre reconheceu, no relato oral, uma fonte segura de registro. Porém, na França, a partir do impulso dado pela revista *Annalis*, em 1929, e da *École Pratique des Hautes Études* em 1948, em nome de uma História Total, forma-se uma nova geração de historiadores que, imbuídos de uma nova concepção, passa a fazer História não mais dando primazia aos relatos orais.

Nesse sentido, desvalorizaram a análise do papel do indivíduo formador da História, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos e também desqualificaram o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida, das biografias.

Toda subjetividade foi condenada em nome das fontes seriais e das técnicas de quantificação, excluindo, por total, o uso das fontes orais.

Ainda que dessa maneira, a História Oral não desapareceu e, em 1940, Allan Nevins desenvolveu um programa de entrevistas que deu origem ao Columbia Oral History Office que daria, em 1950, origem a outros centros norte-americanos, estruturando, assim, a História Oral que tinha como tarefa preencher lacunas de registro escrito através da formação de arquivos com fitas transcritas.

Os anos de 1960 até o final de 1977 serviram de solidificação da História Oral nos Estados Unidos da América, afirmando-se como um instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social.

No decurso da década de 1980, a pesquisa histórica passa por nova transformação e a análise qualitativa, o individual, o singular, voltam a ser aceitos, ainda que a duras críticas entre os historiadores, e, com isso, acirrou-se a discussão sobre o papel das fontes históricas, permitindo que a História Oral ocupasse espaço nos debates teórico-metodológicos.

No campo da História do Século XX operaram-se debates sobre história e memória, nos quais se estabeleceram discussões sobre a diferença entre o relato histórico e o discurso da memória e das recordações ao que Ferreira (1994, p.24) refere:

A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.

Por essa concepção historiográfica nos é possível refletir que as necessidades do presente impulsionam a construção do passado. Como método de pesquisa, a História Oral trabalha como linha de abordagem o passado, explorando a relação entre a memória e a história, cabendo aos agentes sociais a construção de sua própria identidade.

Entendemos que essa consciência histórica está intrinsecamente relacionada com a memória, aceitando-a, conseqüentemente, como uma memória histórica, mesmo considerando o fato de existirem distinções entre memória e história.

Montenegro (1992, p.17) afirma que:

Compreendemos história como uma construção que, ao resgatar no passado (campo também da memória), aponta formas de explicação do presente e projeta o futuro. Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória.

A subjetividade é aceita e os relatos ganham valor de verdade, sem julgamentos para

lançar esse status, o relato oral volta a ser aceito sem que se questione sua veracidade. Assim sendo, a História Oral é um trabalho de pesquisa analítica e reflexiva, que tem por base um projeto e que se baseia em fontes orais, coletadas em uma situação de entrevista, permitindo que a História Oral registre uma experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade (FERREIRA, 1994).

Para fundamentar a História da Fonoaudiologia enquanto profissão no Amazonas, usaremos como um dos meios metodológicos, a História Oral, que pode ainda ser entendida como sendo uma prática de coletar depoimentos orais, baseados em um conjunto de procedimentos, através de registros eletrônicos que serão analisados a fim de fornecer dados.

Meihy (2002, p.9) afirma que:

“Como parte de um compromisso com o social, amplo, a vida em todas as suas manifestações se apresenta como um desafio em que a carga do presente é explicada nas versões dos nexos anteriores transmitidos oralmente. Não se trata, contudo, das explicações provadas apenas por documentos raros, escritos e cartoriais. As versões que amparam a história oral são as retidas na memória das pessoas, forjadas em imaginários construídos; são as que circulam no cotidiano ou passam formal ou informalmente de uma geração para outra, poucas vezes podendo ser equiparadas aos documentos de arquivos”.

Thompson (1992) relatou que toda história depende de sua finalidade social, e ela só pode ser transmitida de geração a geração através da tradição oral e pela crônica escrita.

Na proposição do filósofo Sócrates, trata-se de um método de investigação da realidade pelo estudo de sua recíproca, ou seja, com mérito de investigação da realidade.

Constituiremos a pesquisa fundamentalmente sobre a análise documental disponibilizada pelos órgãos oficiais da profissão e sobre dados descritivos obtidos na investigação e análise dos relatos orais, uma vez que não existem documentos escritos sobre a Fonoaudiologia enquanto profissão no Amazonas. Somente a partir do presente instrumento de pesquisa nos será possível adentrar nesse mundo com olhar minucioso do objeto deste estudo.

Segundo Montenegro (1992) a História Oral tem como matéria a memória que pode trazer

à tona o passado não escrito por meio da memória voluntária ou, ainda, despertada pelo ato da entrevista, a memória involuntária.

Esta pesquisa procurará entender e contribuir na construção história da profissão no Amazonas, suas bases de formação sócio-política e educacional, seu espaço de formação enquanto área de atuação profissional.

É necessário entender que, para ganhar vida, esta história deve considerar no abstrato, no insólito, no subjetivo, na memória, sua essência, sua concretização. Nesse percurso científico,

explicar o que nos propusemos nesta dissertação.

Esse método tem que dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular e, nesse sentido, aplica-se ao objeto desta pesquisa, visto que há uma história particular criada no Amazonas, desde o final da década de 1970, cujos dados, fatos e percursos não são descritos, nem tão pouco documentados (FRIGOTTO apud SILVA, 1996, p.41), constitui-se como uma teoria cuja realidade é constituída a partir de reflexões que visam a alcançar transformação.

Silva (1996) continua dissertando que, enquanto materialismo, o método se propõe a conhecer os fatos para então transformá-los. É fato que a Fonoaudiologia neste Estado ainda não

Ao que se propõe a corrente pesquisa, há aplicabilidade em tal método, dado à realidade insólita e não narrada da Fonoaudiologia neste Estado.

Para isso, como já mencionado, faremos uso de documentos escritos, registros de entrevistas individuais, cujo critério de escolha partirá do pressuposto dos primeiros fonoaudiólogos ainda vivos e atuantes, dispostos a participar deste estudo.

A coleta de dados, segundo Andrade (1997), é caracterizada como documentação direta de observação direta, intensiva, sistemática, com a técnica da entrevista.

Minayo (1994) relata que a entrevista é o procedimento mais casual no trabalho em campo. É por meio dela que o pesquisador colhe informações contidas nas falas dos atores sociais, com o pretense objetivo de coletar os fatos relatados dos sujeitos-objetos que vivenciaram uma determinada realidade, isto é, uma conversa a dois com propósitos bem definidos.

Na busca desses dados subjetivos e não documentados, as entrevistas serão um procedimento que, por meio de um roteiro semi-estruturado (anexo 2), previamente elaborado, com uso de gravações audiovisuais, possa garantir a transcrição mais detalhada dos fatos relatados.

Neste sentido, a entrevista ainda adotará a noção de entrevista em profundidade que, segundo a mesma autora, permitirá ao sujeito entrevistado retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação, o que é essencial na construção desta história.

Bogdan e Biklen (1994, p.150) afirmam que “as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais” dos dados recolhidos emprestarão maior autenticidade ao estudo.

As gravações serão realizadas mediante autorização prévia das entrevistadas, posteriormente ao momento da entrevista, o material coletado passará por processo de transcrição

literal ou textualização, passarão pelos conceitos lingüísticos de transcrição (processo de correção das desigualdades entre o oral e o escrito) e do teatro de linguagem (inclusão dos aspectos não-verbais contidos no texto), que volta para conferência e legitimação por parte do entrevistado, para, então, lançar a textualização legitimada. Tão somente posterior a isso, incorporaremos esse registro escrito como dado do objeto de estudo.

Como instrumento de pesquisa escolhido utilizaremos, ainda, a pesquisa bibliográfica, constituída basicamente por livros e artigos científicos. Segundo Andrade (1996), o levantamento bibliográfico é obrigatório quando se pretende realizar uma pesquisa de campo. É o primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa, devendo preceder qualquer outro passo, fazendo-se indispensável, portanto, uma pesquisa documental, com o objetivo de analisar a História da Fonoaudiologia já descrita.

Como recurso para alcançar este objetivo serão feitas consultas à Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Conselho Federal de Fonoaudiologia, Conselho Regional de Fonoaudiologia da 5ª Região.

Serão realizadas consultas através da internet e de bibliotecas, documentos como: periódicos, artigos, monografias, dissertações, teses, etc., disponíveis em “sites” científicos (medline, lilacs, CEFAC) e nas bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Ressalta-se que nas consultas de obras e artigos serão considerados aqueles publicados em revistas científicas das áreas de Educação e de Fonoaudiologia indexadas e não indexadas.

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA FONOAUDIOLOGIA

1. Fonoaudiologia no Brasil

O ser humano, há séculos atrás, não sabia falar, porém, percebeu que podia marcar as coisas que o rodeavam com símbolos lingüísticos e criou a linguagem. Percebeu, também, que podia ensinar aos outros os símbolos que criava, nascendo assim, a comunicação humana.

Essa estratégia para estabelecer vínculos surgiu em função de nossa natureza social. A comunicação mostrou-se uma necessidade básica, um comportamento que permeia as relações humanas e proporciona a interação destes com o meio, desde a mais tenra idade. A tentativa de se comunicar estabelecendo relações dialéticas com o outro, começou a se estruturar pela necessidade de expressar sentimentos, idéias, conceitos, instruções e até protestos.

Para estabelecer esse vínculo social, o homem utilizou-se de gestos, expressões, movimentos corporais e outros. A linguagem oral veio contemplar essas relações como uma alternativa mais elaborada e exclusivamente humana de comunicação, dentro da evolução cronológica da espécie.

Durante o processo da evolução humana, padrões culturais e sociais foram se estabelecendo concomitantemente com o aperfeiçoamento da linguagem oral. No início, como regra geral, os grupos sociais eram organizados por meio de força e/ou inteligência, sobressaindo-

se assim, uns sobre outros. Aqueles que dominavam estabeleciam suas próprias regras de permanência no grupo “social”. Desde então, os mais fracos são segregados, permanecendo excluídos de alguma maneira.

Podemos presumir, que a linguagem¹ é o resultado da profunda necessidade de comunicação do ser humano, oriunda de sua compreensão como um ser pensante, sensível e plenamente capaz de interagir, com uma necessidade quase intrínseca de ser social. É, na verdade, o meio utilizado para alcançar o fim desejado, qual seja, relacionar-se com seus pares, dividindo seus sentimentos e pensamentos.

Para obter o máximo proveito nessa interação, faz-se necessária a criação de um sistema capaz de efetivar as relações sociais. Destarte, para Riper (1997, p. 67-8) “a linguagem é um sistema elaborado de símbolos e procedimentos compartilhados para combiná-los em unidades de significado”, utilizando-se como instrumento a fala, que, segundo o mesmo autor, é a “manifestação audível da linguagem”. Portanto, um falante deve conhecer as regras de combinação dos sons em palavras e destas em frases, de tal maneira que possam transmitir o conteúdo da mensagem de uma língua.

Sob o mesmo enfoque, Saussure (1972, p.17) esclarece que:

A língua não se confunde com a linguagem [...] É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Aristóteles (apud BERLO, 1972) já definira o estudo da retórica (comunicação) como a procura de “todos os meios disponíveis de persuasão”. Por ser muito dinâmica a cada instante, a comunicação apresenta-se de forma diferente, podendo ser verbal, escrita, gestual e corporal, incidindo sobre o interlocutor, na construção de compromissos e vínculos, sempre visando à

¹ Entendemos que existem várias formas de linguagem: linguagem oral, escrita, gestual; etc. Compreendemos também que existe uma língua utilizada pela comunidade surda que é a LIBRA – Língua de Sinais – que foi instituída legalmente no Brasil, no entanto, nosso trabalho fala em ouvintes em virtude de tratar da fonoaudiologia.

convencer o ouvinte acerca da “verdade” do locutor.

Avançando muito na história, percebemos, ao longo do tempo, que a linguagem oral evoluiu e, junto a ela, também outros marcos sociais. Com isso, surgiram novas línguas, dialetos e formas mais elaboradas de nos comunicarmos.

Nesse processo, podemos ver que a fala humana tornou-se objetivo de poder e, domínio e quem a detinha, detinha o saber e o poder. Uma das estratégias foi a busca pela homogeneização da língua pátria, fato este que motivou educadores e especialistas a buscarem formas de o fazer.

Sacristán (2001, p. 99) afirma que a educação universalizada serviu como instrumento de catequização das crianças e dos adolescentes, tanto para melhorar socialmente quanto para preparação dos futuros trabalhadores. Servia como uma alternativa para as famílias e para a igreja. Estabelece-se o espaço escolar, entre outras visões, um local capaz de garantir produtividade econômica, difundir doutrinas e, ainda, um espaço para “afiançar uma identidade cultural determinada, impor um idioma, difundir mitos, visões de mundo, etc”.

O autor segue discorrendo que a escola, em suas origens, incumbia-se de domesticação e adestramento moral, já que o Estado não tinha força moral e nem condições de formar o cidadão com os comportamentos adequados.

Cita que durante o século XIX a craneometria, uma especialidade médica, era utilizada como meio de explicar comportamentos e fracassos. Para tanto, os profissionais demonstravam a relação entre o volume do cérebro e as diferenças de capacidade ou de êxito que os sujeitos de diferentes culturas e raças poderiam alcançar.

Binet (1985) é citado em Sacristán (2001) como pioneiro na medição das atitudes humanas na escola moderna, local onde se conheciam e se classificavam os estudantes, de acordo com a medição de sua capacidade. As provas para medir aptidões foram utilizadas para filtrar a

emigração nos Estados Unidos, para internar débeis mentais², para negar serviços sociais a classes e raças desfavorecidas, para justificar a ‘diferença’, quando não a simples inferioridade das mulheres, para classificar estudantes nas escolas, etc. (p. 86)

Este autor segue dizendo que toda prática de exame, psicológico ou pedagógico, era utilizada com caráter normalizador que permitia descrever, qualificar, julgar, classificar, comparar e também castigar.

Costa (1991), em texto escrito na comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, coloca que a Fonoaudiologia surge como fruto de uma necessidade social. Nessa mesma coletânea, e partindo desse mesmo enfoque, Berberian (2001) surge propondo que a História da Fonoaudiologia esteve sempre atrelada à própria História do Brasil, pressupondo que uma se articula a outra, uma vez que as práticas de linguagem que aqui se estabeleceram ao longo dos anos sempre estabeleceram/construíram nossa cultura e as formas de organização social.

Chama atenção para o compromisso da Fonoaudiologia que deve ser o de analisar essas práticas pelas quais, por meio de diferentes modalidades de linguagem, especialmente a oral e a escrita, direcionam o modo como as pessoas se colocam, constroem e compreendem a realidade.

Afirma que “a forma pela qual os indivíduos se constituem por meio da linguagem e a imagem que constroem de si e do grupo ao qual pertencem como falantes, escritores e leitores são dimensões que participam da construção da cidadania” (idem, p.266).

Então Berberian (2001) atribui que, pensar a Fonoaudiologia é necessariamente pensá-la na História do Brasil, evidenciando que as práticas fonoaudiológicas estão articuladas a uma série de práticas de linguagem que vêm sendo processadas por diferentes áreas desde as primeiras décadas do século passado. Importante mencionar que a autora concebe linguagem como uma prática social, como elemento da cultura e como constitutiva da vida cotidiana. Dessa maneira,

Termo utilizado pelo autor.²

entende que os diferentes modos pelos quais a linguagem se manifesta comunicam modos diferentes de agir, de pensar e de se relacionar.

Em sua pesquisa de mestrado e doutorado, Berberian (1993) aponta que a Fonoaudiologia originou-se nas primeiras décadas do século passado, com o objetivo claro de eliminar as diferenças de linguagem existentes, dado a existência de distintos grupos que compunham a sociedade da época, tudo em nome do progresso e da unidade social.

Face à multiplicidade racial e cultural, a Fonoaudiologia surge como forma de combater as diversidades lingüísticas, classificadas como sinal de anormalidade e patologia social que colocavam em risco o progresso do país.

Destacamos, então, que a Fonoaudiologia constituiu-se, segundo a mesma autora, a partir de estudos em torno da Lingüística (afastando-se e não reconhecendo o seu “status” social, inserida num contexto histórico) e das diversas formas de falar e escrever, com intuito claro de classificar e sistematizar defeitos da linguagem oral e escrita, fixando uma forma-padrão de língua.

Daí a referida autora perceber e definir a grande influência que a Fonoaudiologia passa a ter da Fonética, da Lingüística e da Medicina, mapeando as pesquisas e o saber-fazer fonoaudiológico. Definiu, então, a maneira como a Fonoaudiologia passa a conceber o processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem, dos processos normais e patológicos, todos com base nessas grandes áreas já existentes e estruturadas. Portanto, médicos e educadores definem os

conjunto de práticas sociais e incorporada, a partir daí, às atividades escolares, procedimentos e técnicas para eliminação de vícios e desvios de linguagem, ou ainda a qualquer que fosse a manifestação oral e/ou escrita que fugisse ao referencial de normalidade. A autora menciona que os adultos, frente à multiplicidade cultural, de idiomas, línguas e dialetos, passam a ser vistos como principais agentes de proliferação dos desvios e vícios de linguagem reproduzidos pelas crianças (BERBERIAN, 2001).

Então, a família deixa de ser a responsável pelo ensino de seus próprios filhos e cabe à escola o papel de ensinar a língua, o que levou os professores a alterarem seu papel de exclusivamente ensinar para então passarem a corrigir, alcançando o novo “status” de terapeutas da palavra.

Em consequência, percebemos que novas formas de propor a educação foram traçadas e, nesse contexto, houve propostas de divisões de alunos em níveis e classes diferentes. Nesta nova forma, surgem aqueles que não atendiam satisfatoriamente aos requisitos propostos para cursarem classes avançadas.

Tais critérios de seleção nasceram das observações e padrões médicos vigentes na época que, através de medidas em escalas de crescimento cefálico, por exemplo, pré-diziam se essa criança estaria apta ou não a participar de uma classe “normal”.

Dessa regra de avaliação surge um novo dilema: o que fazer com as crianças menos aptas? Tal tarefa coube ao fonoaudiólogo, outrora denominado de professor especializado que, segundo Lúcia Helena F. Neto (1988), foi um professor especializado que atendia aos alunos especiais e tinha uma formação específica, apoiada em bibliografia estrangeira.

Posteriormente, com o trabalho desenvolvido junto ao Laboratório de Fonética e Acústica, passa a ser chamado de calafasista, ortofonista ou técnico em ginástica especializada (NETO, 1988).

Com o desenvolvimento dessa função específica, surge nesse novo profissional um perfil clínico e, em conseqüência disso, ocorre um distanciamento da atividade puramente pedagógica (NETO, 1988).

Com a demanda de propor tratamento curativo aos problemas de linguagem e comunicação, esse técnico passa a ser denominado de ortofonista, em cuja prática surge a necessidade de aprofundar seus conhecimentos na área da Lingüística e da Psicologia, como meio de alcançar as características da língua norma e ainda lançar mão de medidas para lidar com o processo de aprendizagem.

Esse agente, em seu trabalho, priorizava a eliminação dos sintomas, por meios de procedimentos curativos, apoiado em uma visão médica organicista, que observava o funcionamento da linguagem como resultado único de movimentos de vários órgãos envolvidos neste processo.

As medidas terapêuticas propostas por esse novo técnico mesclavam conteúdos e práticas pedagógicas com condutas médicas e, nessa fase ele, passa a ser denominado de logopedista ou terapeuta da fala e, como educador com embasamento na área médica, inseriu-se na área de saúde.

Nesse cenário, a profissão adentra mais nessa área, buscando explicar e eliminar a “doença da linguagem” e início seu afastamento das bases educacionais, inclinando e estruturando seu perfil técnico nas bases de tratamento das dificuldades de comunicação.

Dessas necessidades histórico-sociais foi se caracterizando o saber-fazer do técnico dessa área. A partir de uma infinidade de condutas e pressupostos teóricos, norteou-se a concepção do sujeito, sua linguagem e com isso, o fazer clínico.

Neto (1988) informa que, com a formação acadêmica, esse profissional passa então a ser chamado de fonoaudiólogo, por influencia dos “reeducadores”, reabilitadores argentinos, como

um profissional da área paramédica, tratando dos distúrbios e ou patologias da educação.

Cappelletti (1985) chama a atenção para a importância de não perder o foco real do que é a Fonoaudiologia, tentando ressaltar que essa não é uma área de atuação que se formou somente a partir da junção da Medicina com a Lingüística e outras, mas considera importante refletirmos sempre, para responder sua pergunta central, qual seja: o que é isso que denominamos de Fonoaudiologia?

Ela nos leva a considerar o Ser que fala, que se manifesta, mesmo no silêncio; o Ser que escuta, muita além da visão das movimentações físicas das pregas vocais; refletir sobre o discurso compreensivo, a expressividade da mensagem, a expressão do discurso; a busca da necessidade do cliente que se apresenta.

A autora enfatiza a importância do olhar atento ao sujeito, muito além do quadro que possa apresentar. Nessa relação de cumplicidade, tem que existir o que ela considera, inclusive, “presentidade educativa na relação terapeuta-paciente”, destacando que, pensar Fonoaudiologia, é ter consideração e paciência, como cita:

Vivência solícita com os olhos no passado e com o olhar para o futuro – na busca de sinais, indícios, que oportunizem o trabalho com-o-paciente, não ao lado ou saltando sobre ele, mas com-ele na busca de seu próprio destino (CAPPELLETTI, 1985, p. 87)

A discussão sobre o objeto de estudo da Fonoaudiologia é uma discussão que se estabelece desde o primórdio da profissão até a data atual, seguindo sempre com a mesma polêmica, sobre o desvio, a patologia, as técnicas, testes e terapêuticas investida no tratamento dos portadores de alteração.

Mas há dentro do grupo de profissionais aqueles que se preocupam em discutir além disso, isto é, buscando a prática e as explicações por trás dessa visão predominantemente clínica, mas, em outro horizonte, focando, sim, o Ser que há por detrás do quadro que se apresenta.

Nesse sentido, Cappelletti (1985, p.87) completa afirmando: “pensar a preocupação com o falar, com o escutar, com o discurso compreensivo, desloca o foco da Fonoaudiologia para além dos quadros clínicos restritos às patologias”. “Para abranger a linguagem como estado “expressado” da fala do ensino normativo da língua, para abranger o discurso compreensivo, a expressividade da mensagem, a expressão do discurso”.

É nessa vertente de idéias que a autora foca sua posição de que, partindo dessa fundamentação, sobre o pensar a Fonoaudiologia e sua atuação é que poderemos nos manter como agentes modificadores de uma essência do sujeito, mantermos como profissionais da área educacional, já que não estamos exclusivamente atendendo como paramédicos ao tratar de patologias.

Finalmente, o que pretendemos deixar claro é que a Fonoaudiologia educacional não se restringe a pensar o universo escola. Esclarecemos que, pensar em Fonoaudiologia educacional é pensar o sujeito, a inter-relação estabelecida, mesmo em terapia, entre paciente-terapeuta, ou como a autora coloca, entre homem e homem (idem, ibidem).

Por volta dos anos de 1960, em cujo período foram estruturados os primeiros cursos de formação profissional, a graduação passou a ter um caráter de profissionalização e segundo Coelho (1991, apud OLIVEIRA E GARGANTINE, p. 97), “esta visão formava técnico, esquecendo-se de formar pessoas com capacidade de compreender a realidade enquanto totalidade-processo e enquanto produção histórica”.

No Brasil, a formação acadêmica em Fonoaudiologia teve início na década de 1950, com a criação do curso de Logopedia, na Cidade do Rio de Janeiro. Meira (1996), uma das pioneiras da Fonoaudiologia no Brasil, divide com o leitor, nesse texto as idas e vindas do processo de estruturação dos primeiros cursos de Fonoaudiologia, expondo que o mesmo seguiu o modelo americano.

No ano de 1960, surge na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo o curso com duração de apenas um ano; em 1964, passou a contar com dois anos de duração, em 1967,

qual termo designaria a profissão: se logopedia, terapia da palavra ou fonoaudiologia. A autora refere que coube exclusivamente ao pequeno número de profissionais atuantes lutar por seu reconhecimento por parte da sociedade.

Em 1975 e 1979, novos Projetos de Lei foram apresentados, na tentativa de reconhecimento da profissão, ambos sem êxito. Foi somente em 1981 que o novo Projeto de lei foi enviado ao Congresso Nacional pelo então Deputado Federal Otacílio de Almeida, cuja aprovação ocorreu em 09 de dezembro de 1981³.

Assim, surge o fonoaudiólogo, profissional que foi devidamente reconhecido por meio do Decreto Lei nº 6965, sancionado em 09 de dezembro de 1981, pelo então Presidente João Figueiredo. Com a sanção da lei foi possível que a categoria profissional se organizasse e, em consequência disso, foram criados o Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFF) e os Conselhos Regionais de Fonoaudiologia (CRF), tendo como principal finalidade a fiscalização do exercício profissional (CFF, 2005).

O primeiro Código de Ética Profissional foi aprovado em 1984, em cujo texto foram listados os direitos, deveres e responsabilidades do fonoaudiólogo, inerentes às diversas relações estabelecidas em função da atividade profissional.

Com base nas informações disponibilizadas no “ site ” oficial do Conselho Federal de Fonoaudiologia, atualmente existem 31 cursos de Fonoaudiologia no Brasil. Os Conselhos Regionais pretendem, também, reformular o currículo mínimo da Fonoaudiologia e submetê-lo à apreciação do MEC, como forma de garantir ao profissional uma formação condizente com a realidade atual.

³ Durante esse intervalo de tempo, os mesmos fonoaudiólogos continuaram reunindo esforços no perímetro Rio-SP-Brasília, para a aprovação e regulamentação dessa Lei.

2. Atuação Profissional no Brasil

O profissional fonoaudiólogo teve sua atuação pautada, ao longo da história, sempre nas áreas de Educação e Saúde. Sabemos que ora esteve atuando junto às escolas e, em determinados casos, foram contratados como professores, atuando como fonoaudiólogos, ora estiveram inseridos na área de saúde, por muitos anos em serviços de atenção primária à saúde, com objetivo de proporcionar tratamentos às patologias de voz, fala, linguagem e audição.

O campo de atuação do (da) fonoaudiólogo (a), durante muitos anos, ficou restrito às atuações clínicas e em consultórios particulares. Apesar disso, é comum vermos fonoaudiólogos atuando em creches, pré-escolas e escolas voltadas não só para detecção de problemas associados à Fonoaudiologia, mas também voltados para tratamento e orientações de professores. Não menos comum é a participação desse profissional na elaboração de projetos pedagógicos e programas de educação.

Outra face desse profissional é a sua atuação como docente em cursos de graduação ligados à Educação, como à Pedagogia, bem como na área médica. Vemos, ainda, seu trabalho nos cursos de Fonoaudiologia, tanto na graduação como na pós-graduação.

Depois da regulamentação e implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), percebemos a inclusão do Fonoaudiólogo nos serviços de saúde, atendendo as mais diversas demandas fonoaudiológicas em todos os níveis de complexidade de serviços de saúde⁴: atenção primária, secundária e terciária.

Sendo assim, por exemplo, na saúde ocupacional, o fonoaudiólogo é responsável pela

⁴ Um dos princípios que rege o SUS é a Hierarquização dos Serviços, que estão organizados por níveis de complexidade os serviços que são oferecidos em saúde, sendo esses: nível de atenção primária (unidades básicas de saúde e centro de saúde); nível de atenção secundária (clínicas e/ou ambulatórios de especialidade); nível de atenção terciária à saúde (rede hospitalar de referência). Vieira (2000); Befi (1997)

avaliação e tratamento de trabalhadores com risco ocupacional de problemas auditivos e vocais relacionados ao trabalho desempenhado. Essa é uma área de atuação que vem crescendo muito, em função da falta de controle e prevenção das doenças adquiridas ocupacionalmente, principalmente entre professores.

É possível observar também o fonoaudiólogo desempenhando trabalhos de orientação e tratamento junto aos profissionais dos meios de comunicação seja em rádio ou televisão, como locutores, jornalistas, profissionais das artes (atores) e tele marketing, enfim, com todos aqueles que têm a voz como instrumento de trabalho.

Observamos que entidades assistenciais e organizações não-governamentais voltadas ao atendimento de pessoas de todas as idades, inclusive dotados de necessidades especiais, buscam inserir esse profissional em suas equipes.

Ressaltamos, ainda, o envolvimento e a participação de fonoaudiólogos junto às entidades de classe, como Associações, Sociedades, Sindicatos e Conselhos de Classe, em função do crescimento da profissão e da necessidade de organização da categoria.

O Conselho Federal de Fonoaudiologia, no ano de 2001, objetivando favorecer a atuação do profissional fonoaudiólogo, bem como esclarecer as áreas de conhecimento que definem o profissional fonoaudiólogo como especialista, editou uma resolução (anexo 4) em cujo texto determina como áreas de especialidade as seguintes: Audiologia, Linguagem, Motricidade Oral e Voz.

Dentre as funções e possibilidades de atuação dos fonoaudiólogos que são especialistas em Audiologia, está a competência para avaliar, fornecer parecer fonoaudiológico, orientar, tratar por meio de terapia (seja como habilitação ou reabilitação), monitorar e prevenir problemas ligados à audição.

Isso pode ser desenvolvido por meio de avaliações audiológicas, por meio de

audiometrias ou, ainda, pela Audiologia Educacional, através de programas de habilitação e/ou reabilitação para portadores de necessidades auditivas; indicação, seleção e adaptação de próteses auditivas em crianças e adultos; avaliação e tratamentos das desordens do Processamento Auditivo Central, Audiologia Ocupacional, por exemplo, na implantação de programas de prevenção dos problemas auditivos de trabalhadores.

No que diz respeito à área de especialidade da Linguagem, vemos o profissional fonoaudiólogo trabalhando com diversas patologias como: atraso de linguagem, dificuldades de aprendizagem, disfemia⁵, gagueiras, afasias e distúrbios articulatorios.

Essa especialidade permite ao profissional atuar no ambiente escolar, sendo assim, o fonoaudiólogo trabalha em creches e escolas como profissional que detecta, orienta e trata possíveis transtornos de aprendizagem, alterações cognitivas ligadas à Fonoaudiologia, lançando mão de medidas que resolvam possíveis dificuldades junto aos pais, professores e alunos.

Os fonoaudiólogos com atuação especializada em Motricidade Oral, atuam na prevenção, avaliação e tratamento dos aspectos estruturais e funcionais das regiões orofacial e cervical. Compete a esse especialista o domínio de conhecimento sobre: distúrbios da respiração, mastigação e deglutição; fala; malformações craniofaciais congênicas; deformidades craniofaciais adquiridas; disfunções craniomandibulares; neonatologia; Distúrbios neuromusculares; Gerontologia e Estética Facial.

Na área de voz, não menos complexa, estão envolvidos os Fonoaudiólogos especialistas com a atuação no diagnóstico e tratamento de distúrbios de voz decorrentes de patologias, mau uso e abuso vocal e alterações psicogênicas; aperfeiçoamento da voz de profissionais que a utilizem como instrumento de trabalho como locutores, atores, políticos, advogados, etc.; reabilitação e implantação de programas de prevenção voltados para voz.

O Conselho Federal (2006) descreve o fonoaudiólogo como um profissional da Saúde, de atuação autônoma e independente, que exerce suas funções nos setores público e privado. É responsável pela promoção da saúde, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação/reabilitação), monitoramento e aperfeiçoamento de aspectos fonoaudiológicos envolvidos na função auditiva periférica e central, na função vestibular, na linguagem oral e escrita, na articulação da fala, na voz, na fluência, no sistema miofuncional orofacial e cervical e na deglutição. Exerce, também, atividades de ensino, pesquisa e administrativas.

A entidade maior da classe é o Conselho Federal de Fonoaudiologia que instituiu uma comissão denominada Comissão Especial de Qualificação Profissional, criada com o objetivo de descrever a atuação do fonoaudiólogo no Brasil. Essa Comissão elaborou um documento descritivo das grandes áreas de competência do fonoaudiólogo (anexo5). A comissão destacou dez áreas de competência ao que denominou grandes áreas de competência (GAC), listadas a seguir:

1. Desenvolver ações de saúde coletiva dos aspectos fonoaudiológicos;
2. Realizar diagnóstico de Fonoaudiologia;
3. Executar terapia (habilitação/reabilitação);
4. Orientar pacientes, clientes internos e externos, familiares e cuidadores;
5. Monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento);
6. Aperfeiçoar a comunicação humana;
7. Exercer atividades de ensino;
8. Desenvolver pesquisas;
9. Administrar recursos humanos, financeiros e materiais;
10. Comunicar-se.

⁵ Gagueira.

O documento oficial elaborado por essa Comissão sugere, ainda, algumas atribuições pessoais que deveriam caracterizar esse profissional, as quais são:

1. Prestar assessoria técnica e consultoria;
2. Participar de projetos político-pedagógicos, de sociedades científicas, entidades de classe, conselhos, comitês, comissões, órgãos gestores e processos de seleção;
3. Participar de grupos de pesquisa e bancas examinadoras; atuar em equipes intra e interdisciplinares;
4. Realizar perícias e auditorias técnicas e normatizações em Fonoaudiologia;
5. Trabalhar com segurança, adotar medidas de precaução padrão e saber operar instrumentos e equipamentos da área;
6. Demonstrar competência verbal e escrita, capacidade de análise e síntese, objetividade, perseverança, criatividade e capacidade de observação;
7. Estabelecer relacionamentos inter-pessoais, transmitir segurança, tomar decisões e auto avaliar-se freqüentemente.

O Conselho Federal de Fonoaudiologia listou algumas áreas de inserção do fonoaudiólogo, sendo estas:

- Unidades básicas de saúde
- Ambulatórios de especialidades
- Hospitais e maternidades
- Consultórios
- Clínicas
- Home care
- Domicílios

- Asilos e casas de saúde
- Creches e berçários
- Escolas regulares e especiais
- Instituições de ensino superior
- Empresas
- Meios de comunicação
- Associações
- ONGs

Entre outras que possam advir da necessidade do trabalho fonoaudiológico.

Dada a história e o percurso feito pela Fonoaudiologia no Brasil, as etapas de crescimento e as principais discussões estabelecidas na profissão quanto ao seu objeto de estudo, cabe discutirmos os modelos de produção que influenciam, hoje, o modelo de formação universitária e dos jovens profissionais na busca de seu espaço de produção profissional.

CAPÍTULO 2 – QUALIFICAÇÃO E COMPETÊNCIA

1. Conceituando e discutindo

No contexto atual, temos a dimensão política, social, cultural e econômica definida por uma política neoliberal que ganhou força com a desregulação do capital que ocorreu após o período chamado anos dourados do capitalismo.

As questões que pretendemos discorrer têm como ponto de partida a década de 1970, quando a economia mundial se re-organiza em função da crise econômica vivida pelo sistema capitalista que, de acordo com Kober, (2004) propagou-se com a crise do petróleo em 1970, provocando redução do acúmulo do capital devido, cada vez mais, à redução do retorno financeiro empregado, esgotamento do mercado e acentuação, também, de críticas no modelo taylorista e fordista⁶ de trabalho. Essa crise traz à tona novas formas de organização do trabalho, as quais têm vínculo direto com a lógica econômica regida pelo capital.

Oliveira (2001) concorda que toda essa “mudança”, ou novas formas de organização do sistema, gira em torno de uma estratégia política visando a recompor/fortalecer os espaços políticos e econômicos abalados com a crise e visam, tão somente, à superação desta.

⁶ O taylorismo propugna a economia de tempos e movimentos, estabelecendo uma hierarquia na produção. Assim, foram constituídos os escritórios de engenharia que pensavam todo o processo, no chão da fábrica existiam os trabalhadores que apenas executavam o trabalho. Como intermediários, havia uma gama de supervisores que controlavam o processo de trabalho. Ford, utilizando o modelo idealizado por Tylor, introduz as esteiras elétricas, facilitando cada vez mais a concepção taylorista. Ford estabeleceu contratos de trabalho que deixavam bem claro a relação entre o capital e o trabalho.

Ferreira (2001) informa que nesse novo regime de gerenciamento, o que predomina é o capital financeiro, promovendo um deslocamento qualitativo no movimento de conjunto da economia e da reprodução sistêmica do capitalismo mundial.

Com relação ao Estado de Bem Estar Social este sofre severos ataques que segundo Kober (2004, p.15) “era visto como ineficiente, paternalista e produtor do “déficit ” público, é pressionado a implantar medidas de contenção de gastos e políticas de austeridade” Devido a esse novo papel, o Estado passa a denominar Estado mínimo, ou seja, será usado como mecanismo para a superação da crise do capital.

Para tanto, são propostas novas medidas de organização, nas quais se observa que a dinâmica das relações capital-trabalho modificam-se com um novo padrão de acumulação que, segundo Mourão (2006), consolidam dois processos:

1. A integração como caminho renovado para a obtenção de ganhos de produtividade;
2. A flexibilização não só das linhas produtivas para atendimento de um novo mercado flexível e diferenciado, mas, sobretudo, da flexibilização das novas relações de trabalho.

Essas medidas trazem inúmeras mudanças, juntamente com o avanço da tecnologia e o acesso à comunicação, pois as produções passam a ser construídas mediante a necessidade do mercado, ocasionando uma produção flexível, visando ao aumento da produtividade, redução de custo e o aumento do capital.

Os autores enfatizam (MOURÃO, 2006; KOBER, 2004) que, nesse contexto, há a incorporação de novos equipamentos microeletrônicos e de informática e junto a essa incorporação, surgem novos padrões de organização e gestão do trabalho.

Segundo Alves (2001), essas novas formas de gestão não desvinculam a continuidade do trabalho taylorista fordista, já que o princípio de integração, mencionado anteriormente, está

vinculado à otimização do tempo destacado pelo modelo taylorista fordista.

Para Falcão (2005), no Brasil, pode-se afirmar que o modelo taylorista-fordista não se efetivou integralmente, tendo em vista a posição periférica ocupada pelo país na economia mundial.

Então, diante da crise do capital evidenciada e da demanda de um novo cenário produtivo mundial, o modelo produtivo é colocado em discussão, fazendo com que as empresas que necessitavam de se manter produtivas lançassem mão de novos modelos de organização.

Essa demanda surge em consequência dos modelos econômicos de produção taylorista e fordista não atenderem mais as novas exigências do mercado e a organização estrutural do trabalho, daí a necessidade de que um novo modelo se estabelecesse.

Segundo Deluiz (1997) este novo modelo caracteriza-se por um novo modelo de produção, baseado na informação e em novos conceitos de engenharia produtiva (na flexibilidade, integração, descentralização) e de administração participativa (na “parceria” entre empregadores, com exigências de compromisso dos trabalhadores com os objetivos e metas da empresa, na maior aproximação e comunicação entre os diferentes níveis hierárquicos), implica substanciais mudanças nos conteúdos do trabalho e nos requisitos de qualificação.

Observamos que as características predominantes no modo de produção do modelo taylorista/fordista começam a sofrer mudanças, porém, não se rompem totalmente, o que, segundo Falcão (2005), não tardam a refletir mudanças também nas instituições sociais e nas diversas áreas de trabalho.

Essas mudanças no modelo de produção geram transformações não só nos espaços de trabalho, mas, principalmente, nas relações de trabalho. Repercutem inúmeras incertezas, já que, junto às novas medidas, vieram reduções de postos de trabalho, o que gerou, conseqüentemente, a redução do número de trabalhadores.

De modo simplista, traz a evidente desvalorização e individualização do trabalhador com a configuração do Estado neoliberal e, nesse novo período, os interesses capitalistas afastam a “soberania do Estado das questões sociais e a classe trabalhadora passa a viver a perda de seus direitos, o desemprego e o declínio da oferta de serviços, dos espaços conquistados na esfera pública inclusive” (Falcão, 2005, p. 72).

A noção de empregabilidade surge como uma tentativa de justificar os danos ocorridos na vida do trabalhador. Conceituamos como um conjunto de habilidade, valores e atitudes estéticas, físicas, psíquicas, comportamentais, culturais, etc. que conferem a um indivíduo a possibilidade de competir no mercado de trabalho para ingressar ou permanecer no emprego (FALCÃO, 2005). Ou seja, se no período anterior a política era de emprego, agora é de renda, o que equivale a dizer que as mudanças modificam consideravelmente a estrutura ocupacional.

Outro conceito que ora passa a ser trabalhado é o de polivalência, com o desenvolvimento de novas formas de trabalho mais flexíveis. Aquele trabalhador que pode responder e resolver a contento todas as questões ligadas à demanda de produção, isto é, multifuncional.

É nessa perspectiva que se trabalha a noção de qualificação, porém, é importante frisar que o conteúdo central da relação trabalho capital não muda e, segundo Falcão (2005), continua e será sempre a exploração de uns (trabalhadores – sejam eles pouco qualificados, super qualificados ou temporariamente qualificados), em função do lucro de outros (capitalistas).

Segundo Mourão (2006), é nesse contexto que o empresariado ressalta a importância da qualificação como um fator primordial para o incremento da produtividade e confere destaque às transformações na qualificação.

A qualificação passa, então, a ser entendida como um conjunto de atributos exigidos por determinada tarefa, referindo-se ao posto de trabalho. Então essa noção tem como parâmetro o posto de trabalho, é entendida através de um processo educacional, formal ou informal, que

prepara o trabalhador para o desempenho de tarefas específicas (MOURÃO, 2003).

Segundo Ramos (2001, p.43), a qualificação está apoiada sobre dois sistemas: “- As convenções coletivas, que classificam e hierarquizam os postos de trabalho; - O ensino profissional, que classifica e organiza os saberes em torno dos diplomas”.

O conceito de qualificação é abordado sobre diversos olhares pelos sociólogos do trabalho em relação ao seu significado histórico-social. George Friedmann possui uma concepção de qualificação “substancialista ou essencialista” porque “identifica a qualificação como uma propriedade do posto de trabalho” (RAMOS,2001, p.44).

Para Ramos (2001, p. 45), Naville apresenta:

Uma concepção relativista que outros denominam historicista centra a análise da qualificação no homem, porém, não como fenômeno técnico individualizado, mas como valor social diferencial dos trabalhadores.

Já Forté considera que a qualificação passa por três fases: o determinismo tecnológico; o determinismo societal e o princípio da eficiência. De acordo com Ramos (2001), essas etapas definidas por Forté complementam o esquema de Schwartz que aponta três dimensões:

A dimensão conceitual consiste na função do registro de conceitos teóricos formalizados e, então, dos processos de formação, associando-a ao valor dos diplomas. Já a dimensão social coloca a qualificação no âmbito das relações sociais que se estabelecem entre os conteúdos das atividades e o reconhecimento social das mesmas, remetendo-as às grades de classificação coletivas. Por fim, a dimensão experimental remete ao conteúdo das atividades concretas aos saberes e ao saber-fazer.

Considerando os estudos de Ramos (2001), ao analisar o conceito de qualificação numa perspectiva dialética, o aponta como um processo de

conceito de qualificação abrange a dimensão conceitual, social e experimental e não desconsidera sua interligação como acontece na noção de competência que não considera, por exemplo, a dimensão social.

Para Costa (1995), o trabalho especializado e restrito estaria exigindo uma qualificação mais universal e flexível, propiciando a formação de um trabalhador com maior capacidade de iniciativa, mais integrado e apto a compartilhar trabalhos em grupo.

Zarifian (1996) e Hirata (1997) afirmam que, nessa nova realidade, a noção de qualificação de posto de trabalho e de pessoal foi sendo substituída pelo modelo de competência, como forma de resposta empresarial às novas exigências. Segundo Mourão (2003) a competência seria uma combinação de conhecimentos oriundos da experiência (saber/fazer) e de atitudes aceitáveis socialmente (saber ser).

Zarifian (1999) define que a competência é a tomada de iniciativa e de responsabilidade assumida por um indivíduo ou um grupo, em face de uma situação profissional. Evidencia bem que a competência está sempre relacionada a eventos.

Mourão (2003) coloca que o modelo de competência é um modelo de gestão que estabelece as bases da relação dialética entre conhecimentos e a capacidade de apreciar e resolver certo assunto. Nesse modelo, as organizações se colocam como lugar de aprendizagem que favorecem a aquisição de conhecimentos pelas pessoas, permitindo maior flexibilidade e maior integração destas à organização.

Nesse modelo, o próprio indivíduo deve estar apto não só a desempenhar o ato produtivo, mas ser capaz de lidar com o novo, com o imprevisto, por meio do saber tácito, de suas próprias aptidões pessoais. Sua caminhada profissional é marcada pelo singularismo e individualismo, somando toda iniciativa e a0(b)-3.714.442343(d)-3ãmpoarinra(a)1.96388(s)-1.63761(p)-3.71693(o-3.71693a

busca constante de formação, como garantia à empregabilidade.

Aqui reside a grande contradição: a busca pela formação é individual, é o sujeito que tem que buscar ingressar no mercado de trabalho, mas as exigências no trabalho são coletivas, visto que as ações no processo de produção exigem equipe, decisões conjuntas, enfim, a junção de vários saberes.

Para Carrilo e Iranzo (apud Mourão, 2006), tais noções são os fundamentos de ações concretas, pois subsidiam as práticas educativas e de trabalho, no sentido de que os conceitos de qualificação e competência reforçam determinadas relações sociais.

Outra questão que não podemos deixar de elucidar é com relação às características individuais defendidas pela noção de competência que “tende a despolitizar as relações sociais”, ao passo que, na qualificação, esta “valoriza as relações tecidas entre os trabalhadores e entre esses e as gerências”, assumindo, portanto, um caráter político. (RAMOS, 2001, p.159).

A referida autora continua:

A marca cartorial observada na relação entre educação, emprego e prestígio social, provavelmente, construiu um arco de proteção à qualificação na sua dimensão conceitual que parece pouco ameaçada pela noção de competência, ou seja, os valores do diploma e da certificação continuam tendo suas exigências para o acesso ao mercado de trabalho (idem, p.157).

É dessa maneira que percebemos o privilegio mento da educação formal como um critério de qualificação. No modelo de competência, observa-se o incentivo ao aprendizado contínuo que ocorre no e para o trabalho (MOURÃO, 2006). A autora continua afirmando que, como forma de garantir novos espaços de acumulação, o capital avança para os espaços educacionais para garantir “uma visão de mundo mercantilizada, garantindo sua hegemonia” (idem, p.56).

Falcão (2005) pontua que, no modelo taylorista fordista, o trabalhador ocupava um posto de trabalho, pertencia a uma corporação e as corporações profissionais normalmente estavam associadas a uma formação específica. Nesse contexto, ela afirma que a escola se firmou como o

principal elo de ligação entre o sujeito e o mercado de trabalho, mas no novo modelo de competências vê-se a formação e o trabalho “adentrar aos caminhos de incerteza, passando a ser válidos vários tipos de canais de formação, alguns deles duvidosos.

Daí para Mourão (2003) a educação vista da lógica do mercado enfatiza os insumos e a aprendizagem, sendo concretizada a aproximação entre educação e economia.

Trabalho e educação são duas categorias fundamentais para a formação do homem. No entanto, à medida que os modelos econômicos vão se alterando, estes assumem novos papéis e objetivos, fator marcante com o sistema capitalista, visto que se estabelecem novas relações de trabalho e produção.

De acordo com Marx “o trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalho como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção que produz bens”, portanto, o trabalho é uma mercadoria que é explorada pelo dono do capital que gera muitas riquezas, ocasionando a produção do excedente (1993, p.159).

Considerando que o trabalho é uma mercadoria e sendo o mercado altamente competitivo, o trabalhador, para permanecer ou conseguir ter sua empregabilidade, necessita, cada vez mais, de qualificação.

Como vimos anteriormente, as mudanças na organização do trabalho e na relação de produção passaram a exigir do trabalhador novas competências que terão sua repercussão no processo educacional, como podemos constatar na citação de Kober (2004, p32):

Noção de competência não se instalou, no entanto, apenas na lógica empresarial. O modelo implantado para a gestão empresarial necessária à nova organização de reprodução do capital extravasa por todos os segmentos da cultura, chegando aos modelos de educação implantados pelos diferentes estados nacionais. Sintomático dessa permeabilidade entre antes setores separados é o documento da Comissão Econômica da América Latina (CEPAL) e UNESCO (1995, p.159), um documento sobre educação, que traz a visão analista de gestão e estratégia empresariais, como Peter Drucker, Kenichi Ohmae e Michel Porter, sobre que rumos devem tomar as instituições educacionais para levar a cabo o desenvolvimento do país.

No Brasil, a noção de competência teve sua disseminação no espaço escolar através da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, nas Diretrizes Curriculares Nacionais, Pareceres e Resoluções que regem a educação. Temos nossos objetivos educacionais embasados pelos princípios axiológicos definidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) que consistem em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Dentro desses princípios estão implícitas as novas exigências do mundo do trabalho que consistem na formação de um sujeito que atenda à flexibilidade das novas relações de trabalho e de produção. Surgem, então, as propostas de reforma do ensino, a formação da nova LDB (1996), que, aqui no Brasil, dá-se “patrocinada” pelo capital, isto é, sofre forte influência de organismos internacionais que financiam e recomendam as políticas sociais no âmbito do capitalismo e divulgam a idéia de que:

[Os] países marginalizados na economia mundial podem presenciar o surgimento de novas e melhores articulações entre desenvolvimento econômico e justiça social, desde que sejam implementadas modificações substanciais na condução das políticas educacionais (FALCÃO, 2005, p.62).

Ramos (2001, p. 58) afirma que em convênio entre o Ministério do Trabalho e o Ministério da Educação, para implementação do Plano Nacional de Educação Profissional, “pleiteou-se uma modificação na estrutura dos cursos de nível médio que passava pela adequação de currículos e pela criação de uma nova regulamentação deste nível de ensino”.

A LDB (1996) define “que a educação escolar, nos diversos níveis de ensino, tem a finalidade de desenvolver nos educandos conhecimentos e habilidades necessários para o exercício da cidadania e inserção no mundo do trabalho” (RAMOS, 2001).

A educação escolar passa a ter dois níveis de ensino: a básica, constituída pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio e a educação superior. Nessa, o ensino médio passa a

fazer parte do ensino fundamental e a formação profissional fica separada do ensino médio, mas poderá ser oferecida ao jovem ou adulto matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior.

Assim, surgem sistemas paralelos, quais sejam, o sistema escolar e o de formação profissional, este último regido pela lógica do mercado, destinando-se à oferta de cursos para atender a uma clientela diversificada e garantir formação necessária para competição no mercado.

Segundo Falcão (2005), são elaborados documentos que se encarregam de regulamentar esse processo de mudança e reestruturação que se tornam a porta de entrada das idéias do modelo pedagógico de competências que, segundo a autora, é o modelo “visto pelo capital como mais adequado para formação do trabalhador de novo tipo que passou a ser requerido pelo mercado pós-fordista” (idem, *ibidem*, p. 46)

Esse novo modelo de educação é, então, a “garantia” de formação e, portanto, de empregabilidade desse novo trabalhador, porém, Ferretti (apud Mourão, 2003), afirma que essa supervalorização na educação gera uma falsa expectativa na população, que passa a considerar que maior capacitação profissional/maior escolaridade correspondem a maiores oportunidades de trabalho.

Nesse contexto, as mudanças educacionais se consolidam como um meio de atender às novas demandas do capital. São os novos modos de regulação que se apresentam, modificando consideravelmente o gerenciamento das instituições públicas, principalmente, as instituições de ensino e de saúde.

Um novo panorama é estruturado, no qual vislumbramos novos modelos de regulação também, no que se refere à formação de pessoal de nível médio e superior na saúde, assunto que passaremos a discutir, deixando claro que isso corresponde a um desafio, dado a complexidade do assunto. Até aqui, procuramos deixar evidenciada a interferência do capital na reestruturação

do ensino no Brasil, como meio de preparação, ainda no ambiente escolar dos trabalhadores e consumidores.

Discutimos, inclusive, que essas bases de mudanças que ocorreram, transplantaram para a vida do trabalhador um prejuízo quanto ao acesso e qualidade nos serviços de saúde e no seio das instituições que o abraçavam.

Percebemos, também, a transferência das bases estruturais da empresa capitalista para o universo de funcionamento e estruturação dos serviços de saúde, evidenciados, principalmente, na forma de gerenciamento dos serviços, até outrora, somente realizados por médicos. Isso remetia a mesma idéia de superioridade e submissão da categoria frente a qualquer outro profissional, quer da área médica, quer da área administrativa, trazendo a idéia de formação superior e competência inigualável.

Filho (1997) discute a questão da formação de pessoal de nível técnico da Escola Politécnica de Saúde, que atua ou vai atuar na área da saúde. O autor sugere que hoje, mais do que em qualquer momento passado, sofremos a ação de transformações sociais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas e que tais mudanças são ou podem ser desnorteantes. Usa citação de Fermin Roland Scramm que sugere serem essas mudanças conturbadas e confusas por serem fruto do próprio desenvolvimento capitalista.

Todo processo de geração do capital influencia diretamente nossa trajetória. Certamente, as políticas de desenvolvimento estão submissas à gestão dos que detêm o poder financeiro, de modo que nossa vida fica à mercê de decisões unilaterais do capital, que mais tumultua e dificulta do que beneficia e ajuda.

Isso nos parece evidente, dado o

m

dos direitos sociais, dos direitos trabalhistas, entre tantos outros, desumanizando muitas vezes o sujeito submisso (e cada vez mais dependente) do sistema.

Filho (1997, p. 132) nos instiga a fazer uma reflexão sobre que perspectivas de futuro (diante deste presente complicado) poderemos ter, pensando, principalmente, no papel das instituições de Educação e Saúde, levando em consideração a concepção de mundo, de sociedade e de homem e completa afirmando ser necessário repensar e reavaliar referenciais teórico-metodológicos, no sentido de contribuir para que a transição em que estamos mergulhados possa se realizar de maneira mais consistente e menos traumática para o conjunto da sociedade.

A preocupação é pertinente e percebemos, ainda, que existe um grande vácuo na formação escolar (claro, mais adiante veremos a relação entre educação de base e saúde), e profissional, quer seja técnica, quer seja superior, tanto para os profissionais de educação quanto, e talvez mais grave, para os da área de saúde.

Pensar o impacto em todas as áreas da vida causado pelo sistema capitalista e a globalização excludente (Frigotto, 2004) torna necessário entendê-lo, analisá-lo, conhecer sua evolução histórica e sua relação com o homem e a sociedade. É essencial esse entendimento para tentarmos passar este momento difícil, no qual vemos emergir tantas negações de direitos e dicotomias sociais. No entanto, isso não é realidade nos cursos, muito menos base de formação dos profissionais da saúde.

Tal realidade junta-se a outra destacada no texto que vêm a ser os constantes fracassos sofridos na saúde e na educação (criação de sistemas, programas, leis, etc), basicamente por projetos de leis (fadados ao fracasso), que não atingem e modificam a realidade excludente e miserável de mais de um terço da população brasileira.

Programas que estão na maioria das vezes muito bem estruturados, do ponto de vista teórico-metodológico e, absolutamente distantes da realidade social, econômica e política a que o

Brasil está vinculado.

Propostas sem sucesso, pois não respondem (ou podem responder) a situação real, o Estado, cada vez mais, se esquivava de suas responsabilidades, passando-as para outros, não encarando que a situação educacional e a da saúde não podem ser desvinculadas da situação social, e que esta é potencializada pela situação econômica.

Talvez pareça distante demais do tema da cidadania e da formação técnico-profissional a questão da globalização excludente que assume o capitalismo neste início de século como estratégia de enfrentamento da crise na recomposição e elevação do lucro e da superestrutura ideológica do neoliberalismo que a legitima. Todavia, sem a compreensão dessas determinações estruturais mais amplas e sua crítica, fica difícil vislumbrar as alternativas de processos educativos e de formação técnico-profissional que se articulem para uma cidadania que se constrói no processo de transformações das relações sociais vigentes (FRIGOTTO,2004).

O Estado cria programas como meio paliativo de seus reais interesses ou dependências. Não é possível conciliar crescimento econômico com benefícios para o povo neste sistema vigente; então, criam-se políticas para “tratar” os problemas quando, na realidade, não há, de fato, interesse em solucioná-los. São postas em práticas políticas de focalização para “segurar” determinados problemas na educação e saúde, mas não resolvê-los em definitivo.

Não são analisadas as origens destes problemas, não há interesse em transformar as relações de lucro e trabalho, economia e sujeito, que influenciam diretamente as relações educação e saúde. Esta reflexão nos conduz a lembrança da afirmação de Frigotto (2001, p. 8) que diz:

Em todos os momentos históricos que se experimentam mudanças profundas na materialidade das relações sociais nos âmbitos econômico, cultural e político entram em efervescência os embates teóricos e ideológicos e reformam-se os processos de formação humana e concepções educativas. Estas mudanças podem ter um sentido de avanço em termos de ganhos para a humanidade ou de retrocesso.

Acreditamos que esta seja exatamente a preocupação expressa pelo autor e por tantos outros que têm o privilégio de conhecerem a atual situação por meio deste olhar mais “informado” e muito menos comum. É necessário, então, trabalhar a realidade na área educacional, trazendo à tona questões como qualificação, da “massificação” como é colocada, atribuindo à problemática um pólo comum, qual seja a discriminação sócio-cultural e a deterioração qualitativa.

Para tanto, é necessário perseguir qualidade e equidade de oferta, sendo indispensável confrontar Política e Filosofia da Educação Brasileira, o que parece vir sendo feito pelas forças progressistas no debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Parece que esse diálogo político-filosófico está, de fato, bem no início e que a dependência da aprovação do sistema capitalista impõe uma grande distância entre a teoria e a prática (como já expressado anteriormente!), conduzindo-nos ao pensamento de que mudanças reais e efetivas estejam distantes de ocorrerem.

Teixeira (2002) diz que é necessário enfatizar a fragilidade da idéia de plano numa sociedade e Estado cuja lógica é regida pela racionalidade do capital em sua ânsia de reprodução e não pela racionalidade do atendimento das necessidades humanas.

Refletindo sobre o tema, compartilhamos da idéia de que um país que depende do capital e está subordinado a este, dificilmente pode amenizar os problemas da área educacional, desvinculando os problemas nas áreas sociais, por exemplo.

No caso da área da saúde, intencionou-se “salvar” o sistema pela criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que traz de fato, na sua criação, diretrizes e bases fantásticas do ponto de vista teórico, porém, tornam-se inviáveis do ponto de vista prático.

O modelo do SUS, que na teoria é completo e eficiente, pouco encontra meios para ser

colocado em prática. Enquanto encontramos imensa dificuldade em estruturar todo o programa, vislumbramos uma realidade assustadora no atendimento à saúde pública.

A de se considerar a necessidade de pensar Educação e Saúde refletindo a evolução histórica da sociedade brasileira, contextualizando historicamente esses setores que são integrantes da situação econômica, política e social.

Este é o caminho que devemos trilhar para tentar entender, no passado, “a raiz” das questões. Caso consigamos entender todo este percurso, poderemos, então, trabalhar a dura realidade que enfrenta a saúde e a educação como parte integrante da sociedade que ora se constitui. Temos convicção de que, se este não é o caminho, é um dos caminhos para entendermos as situações atuais dos dois sistemas.

Entendemos que a organização social determina as políticas de saúde e educação e verifica-se uma estreita ligação dessa política com os interesses do modo de produção e estruturas de manutenção de poderes.

É importante lembrarmos, ainda, que a saúde e a educação estão intrinsecamente relacionadas com o contexto socioeconômico, político e cultural. A saúde social, assim como a educação, só será efetiva se estiverem atreladas às ações que envolvam a sociedade, a economia, a habitação, entre outras. Mas, principalmente, considerar a História como meio de entender, no passado, na evolução, nas lutas, o presente.

É nesse sentido que Filho (1997) propõe que a formação dos profissionais de saúde de nível técnico (médio) fundamente-se nas questões sociais, aliando a técnica e a política. Propõe, ainda, que a educação norteie este processo de formação, já que ela se inter-relaciona com as bases sociais.

Acreditamos que é fundamental levarmos para a base de formação a educação como promotora de novos comportamentos e conceitos. Essencial é que a educação não seja

sinônimo de prevenção somente, mas que, de fato, envolva questões de cidadania e política para que, então, a sociedade, esclarecida, possa transformar a situação ora vivida e, conseqüentemente, modificar os sistemas em questão .

Esta relação, Educação e Saúde, deve ser visceral, somente desta forma poderemos erradicar males antigos e evitar outros tantos. Refletimos, então, que as muitas “políticas de ensino” só vêm para sustentar, ainda mais, a situação. Muito se tem discutido este assunto, que é colocado como dilema, porém, ainda há uma grande distância entre a teoria e a prática, até que mudanças sejam efetivas.

Deixemos claro que não é propósito deste trabalho aprofundar essa discussão em torno do segundo grau e as propostas de políticas educacionais, porém, alertamos que, até aqui, nenhuma foi capaz de modificar ou romper com o processo atual. É impossível fragmentar em áreas distintas algo que é um sistema e, como tal, precisa ser discutido e trabalhado pautado na História e como um todo.

Filho (1997) apresenta sua preocupação com o pessoal de nível médio da saúde. Com a ampliação dos serviços de saúde surgiu, na década de setenta, uma necessidade de pessoal de nível técnico e auxiliar. Afirma, porém, que as escolas de formação, em sua maioria, pouco qualificadas de pessoal e ainda em número insuficiente, se constituíram em problema.

Por outro lado, apesar de medidas para solucionar essas questões terem sido criadas, outros problemas foram se constituindo, como o avanço tecnológico frente às precariedades do sistema. Entendamos por sistema a questão social, cultural, política, educacional e de saúde e, nesta última, então se cria um abismo entre os serviços, a sociedade e todo o mais envolvido.

Enfatizamos a idéia, em conseqüência, de que os serviços prestados, principalmente as escolas formadoras desses profissionais, alcancem o “status” de capacitadoras /atualizadoras, formando tais profissionais com excelência (frente aos avanços tecnológicos), mas,

principalmente, habilita-las frente às questões sociais.

CAPÍTULO III - FONOAUDIOLOGIA NO AMAZONAS

1. O estabelecimento da profissão no Estado do Amazonas

A Fonoaudiologia no Amazonas, no que tange à estruturação da profissão, passa por um processo, até os dias de hoje, muito particular. Nos grandes centros urbanos do Brasil, a Fonoaudiologia começou a ser praticada, historicamente, a partir das décadas de 1930, conforme relatos descritos.

Nos grandes centros, a Fonoaudiologia avançou paralelamente aos acontecimentos históricos e dentro dos moldes econômico-políticos da época, porém, no Amazonas, percebemos que esse processo foi diferente e muito anterior àquele período histórico.

Tal diferença deu-se, principalmente, devido à singularidade demonstrada pela diferença regional. A Amazônia, de uma maneira geral, nesse mesmo período histórico, viveu outros movimentos históricos, divergindo, sobretudo, nas etapas do desenvolvimento capitalista neste Estado em relação aos grandes centros.

Segundo Mourão (2006, pág.5):

A Amazônia acaba se constituindo em uma região completamente diferente das demais regiões brasileiras: as peculiaridades geográficas e as relações sociais estabelecidas moldam formas próprias e diferenciadas de produção de valor.

Nesse sentido, vemos o capitalismo mundial submetendo a Amazônia à sua dinâmica exploratória e modificando totalmente a evolução natural da região. Vemos, então, a partir de

1850, a incorporação da Amazônia ao capitalismo industrial de uma maneira particular que se construiu como uma região completamente diferente e isolada das outras regiões brasileiras. Há uma grande diversidade e contradição entre a região Amazônica e sua integração ao Estado Nacional (MOURÃO, 2006).

Observamos, então, que todo esse processo de exploração faz com que, a partir de 1877, nordestinos, deslocados pela seca, migrem para a Amazônia tentando trabalhar na produção da borracha (idem). Furtado (1973, apud Mourão 2006) demonstra que a expansão capitalista ia avançando sensivelmente na região sudeste, que teve sua forma de produção modificada e viveu uma fase elevada de produtividade econômica, enquanto a região norte ficava cada vez mais isolada.

O sudeste do Brasil, então, lança mão de meios pelos quais consegue evitar a estagnação no processo produtivo entre os anos de 1929 e 1930. Movimento que, segundo Furtado (1992), rompeu com as bases agrárias tradicionais e estabeleceu o avanço da industrialização.

Já na Amazônia, esse processo ocorreu totalmente diferente, já que a burguesia extrativista não conseguiu criar novas formas de reprodução, o que marcou uma nítida diferença entre o processo de industrialização vivido no norte do Brasil daquele vivido no centro-sul brasileiro.

Segundo Mourão (2006), a partir de 1965, o governo militar apresenta pontos primordiais às políticas de governo para a Amazônia que demonstram a necessidade de um planejamento regional para alavancar o seu desenvolvimento. Para tanto, são instituídas, a partir de 1966, medidas de políticas voltadas para o estabelecimento de pólos de desenvolvimento e, para atender a esses objetivos, são criados o Banco da Amazônia S.A. (BASA) e a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) (Mourão, 2006).

Para esse pólo de desenvolvimento regional são criadas leis de incentivo tributário diferentes das aplicadas nas demais regiões brasileiras, voltadas para a implantação de empresas dentro dos Estados e Territórios da Amazônia Ocidental. Vemos, assim, no Amazonas, a partir de 1960, com a implantação da Zona Franca de Manaus, a vinda de fabricantes de produtos têxteis, brinquedos, papel, eletrônicos e relógios digitais.

Em 1967, a legislação garante a condição de Zona Franca para Manaus, e esta passa, então, a responder por uma nova divisão internacional de trabalho, caracterizada pela alocação de empresas com objetivo claro de aumento de lucros, viabilizado pelas políticas fiscais garantidas por lei. Medida essa que vem garantir os interesses nacionais e os interesses do capital, no sentido de ocupar a Amazônia e transformá-la em pólo industrial, comercial e agropecuário (MOURAO, 2006).

Enquanto isso, no centro-sul do Brasil, em que vemos um processo de desenvolvimento diferente do nosso, contemplamos o surgimento da Fonoaudiologia e, em 1960, o surgimento dos primeiros cursos técnicos de “Fonoaudiologia”, conforme já descrito anteriormente.

No Amazonas, vemos as práticas de controle de linguagem, atribuídas ao fazer fonoaudiológico, sendo desenvolvidas desde o período colonial, dada a “castração” dos dialetos indígenas e a implantação da língua pátria que viria a ser alvo no restante do Brasil, muitas décadas depois. Essas ações foram realizadas sempre por religiosos que já ocupavam a Amazônia e atendiam aos interesses dos colonizadores de “domesticar” os povos indígenas.

Podemos, então, por meio da História, caracterizar dentro desse período o início das práticas “fonoaudiológicas”. Desde então, porém, não há documentos oficiais relatando essas práticas e também não foram investigadas mais a fundo por este trabalho, já que não é objetivo do mesmo.

O que nos é possível relatar é que dentro desse movimento de consolidação industrial no

Amazonas por meio da Zona Franca de Manaus, a migração brasileira trouxe a Manaus famílias vindas do centro-sul do Brasil em busca de uma oportunidade de crescimento.

Dentro dessa realidade, vieram para o Amazonas empreendedores que, no seio de suas famílias, tinham profissionais formados em áreas afins, dentre esses fonoaudiólogos que, no início da década de 1970, cursaram curso técnico por dois anos como uma derivação do curso de pedagogia, assim dizendo.

Desses, não existem g

porledofas da,daeessidadas,esdaciais.

ano. Também, por meio da história oral, nos foi possível obter o dado de que, um ano antes, 1983, chegou a Manaus, a fonoaudióloga Dulcineia Fonceca, todas oriundas do Rio de Janeiro, frutos das primeiras turmas de curso técnico em Fonoaudiologia e atuantes até esta data.

Ainda em 1984, é fundada em Manaus a Escola Fellipo Smaldone, com proposta de atender a crianças surdas. Dentro do quadro de religiosas que atuaram na implantação do ensino na escola, esteve a Irmã Tereza Angélica que, vinda da Itália, atuou como fonoaudióloga no início a estruturação da instituição.

Nos anos seguintes, Manaus foi palco de passagem, por curtos períodos, de um grande número de fonoaudiólogas que vieram para acompanhar seus maridos militares ou por colegas que, movidas pelo entusiasmo e possibilidades de crescimento econômico, enxergaram em Manaus uma oportunidade de crescimento profissional.

Desse período até hoje, a Fonoaudiologia veio amadurecendo, nesta longínqua e peculiar região, de uma maneira absolutamente particular e diferente das demais regiões brasileiras. Isso se deve e deveu-se, principalmente, pelo particular processo histórico vivido na região em relação à sua exploração e políticas de desenvolvimento.

A Fonoaudiologia ganhou “status” de profissão em 1981 e o Conselho Federal teve suas ações iniciadas nesse mesmo ano e assim como nos grandes centros formaram-se os Conselhos Regionais; nos anos seguintes foi elaborado currículo mínimo para formação profissional, bem como seu primeiro código de ética.

Porém, o Amazonas, marcado especialmente pelo seu processo de desenvolvimento econômico diferente dos demais centros e muito distante geográfica e socialmente destes, não acompanhou essas mudanças na mesma velocidade. Os profissionais aqui atuantes ficaram com seus registros profissionais e sua atuação sendo orientada e fiscalizada pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (instalado por meio da Resolução nº6965 em 09 de dezembro de 1981). Dentro

dessa autarquia federal, a partir do quinto colegiado⁷, passamos a ter representação por meio de uma conselheira efetiva do Estado do Amazonas, a colega Thelma Alcântara.

Em 11 de junho de 2000, por meio da Resolução nº255 do Conselho Federal, foi criado o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 5ª Região, localizado em Goiânia. Desse Conselho, fazem parte todos os Estados do norte do Brasil e Goiânia. Na criação do mesmo, passamos a ser representados por um conselheiro suplente; no primeiro triênio, fomos representados pela mesma colega e, no segundo (triênio 2003/2006), fomos representados pela colega Wyna Chads.

O exílio, mesmo com o “amparo” desse Conselho, aparentemente mais próximo, continuou expressivamente evidente. Desde sua criação, o Amazonas foi visitado uma única vez, em 2002, pela então presidente Lílian de Moura Borges, que veio a Manaus visitar o curso de Fonoaudiologia na Universidade Nilton Lins e, na sua passagem, esteve com um grupo de fonoaudiólogas ouvindo-as e falando sobre ética profissional.

Essa, talvez, tenha sido uma das únicas ações mais próximas que os fonoaudiólogos atuantes no Amazonas tiveram nas últimas décadas. Segundo Wyna Chads, nesse último triênio, uma das ações mais intensas de sua atuação foi dirigir-se ao Conselho, por meio de cartas, solicitando a inclusão de um conselheiro efetivo, na tentativa de minimizar a distância existente entre a autarquia e os profissionais atuantes.

Uma das razões explicitadas foi a atuação de cerca de 137 (número extra oficial) profissionais à época no Amazonas, enquanto que em outros estados como o Tocantins, está atuando a metade desse número e o estado já dispõe de um membro efetivo desde o segundo triênio ainda no Regional.

O Conselho Regional instituiu uma comissão de orientação e fiscalização em 2001 e, por meio de assembléia, elege e nomeia fiscais designados pelo órgão, para orientação e fiscalização

⁷ Quinze anos depois.

em seus Estados. Assim ocorreu no Amazonas, no Pará, em Roraima e outros Estados do norte.

No nosso caso, em 2001, por meio de assembleia, é designada fiscal a Fonoaudióloga Ana Paula Marques, até que, no final do primeiro triênio, período em que, por meio de nova assembleia, estabeleceu-se a criação do cargo de fiscal efetivo e por meio de concurso, assumiu como tal a colega que já era designada fiscal em Goiânia, Lucijane Dantas.

Em seguida, em 2003, é feito concurso para o cargo de fiscal nos Estados do Pará e no Amazonas. É aprovada por meio de concurso a fiscal em Belém, Mariília Bentes Paes e, em novo concurso, a colega Thais Soares Bessa, do Pará. No Amazonas, ninguém foi aprovado e não houve novos concursos até a presente data.

Assim, passamos a ser orientados e fiscalizados por essas colegas, uma fiscal do Conselho em Goiânia e as outras em Belém, cujas visitas eram agendadas pelo Conselho para uma delas. Diga-se, porém, que por não residirem em Manaus, desconhecem a realidade da atuação profissional, dificultando o processo de fiscalização.

Em 2006, no período de formação da chapa para a eleição do terceiro triênio do Conselho Regional, tentamos trazer vida a um movimento cujo objetivo foi indicar um profissional e reivindicar junto ao Conselho uma cadeira de Conselheiro Efetivo, dado ao número crescente de fonoaudiólogos inscritos no órgão e atuantes no Amazonas.

Não foi possível, com base nas informações fornecidas pela assessoria do Conselho, fazer qualquer mudança na estrutura da chapa, uma vez que, o Conselho Federal, por meio de resolução, já havia determinado a condição da eleição nos Conselhos Regionais, não sendo possível modificar a estrutura da chapa, assim permaneceremos, até 2009, ocupando uma cadeira de suplente na 5ª Região.

É importante frisar neste montar da História da Fonoaudiologia na Amazonas, que, quanto às esferas de autarquia da profissão, nunca tivemos um papel ativo dentro dos Conselhos,

quer Federal, quer Regional, inclusive pelo fato de que nossas representantes, além da distância geográfica, encontraram, no desempenho de seus papéis, uma distância silenciadora ainda maior que a vivida pela distância física.

Notamos, por exemplo, que, desde a criação do periódico informativo do Conselho Federal e do Regional, nunca tivemos qualquer menção de destaque no exercício profissional no Amazonas.

Durante muitos anos, alguns fonoaudiólogos, interessados pelo avanço da profissão neste Estado e com a coletividade da profissão, tentaram reivindicar, por exemplo, a criação de uma Delegacia Regional, que pudesse assessorar, ajudar na orientação e fiscalizar o exercício profissional.

Porém, nunca esses esforços foram formalmente oficializados e nunca tivemos resultados positivos nesse sentido, talvez, entre outras razões, como a não formalização coletiva dos pedidos, que eram sempre informais ou muito individuais, ou pelo baixo número de representados, mas também pela evidente desunião vivida no Amazonas pela categoria fonoaudiológica.

Em 1995, um grupo de fonoaudiólogas, composta por, Thelma Alcântara, Wyna Chads, Claudia de Lucca, Mariela Massarolo, Maria Antonieta Alves, Suelen Farias Lobo e Cristina Barros cria a então chamada Associação dos Fonoaudiólogos do Estado do Amazonas, que por meio do relato oral colhido em entrevista com a colega Claudia de Lucca, tinha o objetivo inicial de integrar e agregar a categoria e promover eventos científicos para os profissionais.

Dentro desses objetivos, a Associação promoveu o I Encontro de Audiologia Ocupacional, ocorrido em 1997, pela Fundação Rede Amazônica, e o I Encontro de Fonoaudiologia do Norte, que ocorreu concomitantemente a outros eventos científicos de cabeça e pescoço e Otorrinolaringologia, nos anos seguintes.

Essa Associação deparou-se com algumas dificuldades que a levaram a desativação. Segundo o que nos foi possível apurar, pelo menos duas razões geraram essa situação: primeiramente, o pequeno número de profissionais residentes na cidade e a dificuldade em integrar, participar e se comprometer com as atividades promovidas e das assembleias da associação; em segundo lugar, a individualidade entre as colegas, marcada pela falta de consciência coletiva.

Ao final do ano de 2001, início de 2002, um novo grupo pensa em estratégias que pudessem reverter a realidade da falta de coletividade/corporativismo e a falta de representação no Estado. Em meios a várias reuniões, decide-se por criar uma associação da representação de categoria.

Dentro desse grupo estavam também as colegas Wyna Chads e Claudia de Lucca, que sugerem a reativação da antiga Associação e a constituição legal da mesma. Nesse sentido, em 2002, veio a Manaus a Fonoaudióloga Dra. Silvia Pinho para proferir uma palestra promovida pela “associação”, com o objetivo de envolver a categoria profissional e angariar fundos para a sua regularização.

A palestra foi um sucesso, reuniu um expressivo número de profissionais atuantes no Estado e, sem qualquer tipo de apoio externo, essa iniciativa bem sucedida deveu-se exclusivamente ao trabalho das colegas envolvidas, entre elas Luciana Barberena, Michele Pires, Mariela Massarolo, Ana Paula Marques, Thelma Alcantara e Francisca Cruz.

Infelizmente, mais uma vez, a tentativa de se formar uma entidade de representação de categoria fracassa. Isso se deveu novamente, a uma série de razões, entre elas a agenda profissional de cada uma das envolvidas no processo e a desunião da categoria como um todo, sempre envolvida e separada por fatos do passado que, até aqui, impediram o crescimento da categoria fonoaudiológica no Estado.

Ainda nesse sentido, no ano de 2005, novas reuniões aconteceram em domicílios particulares nas quais estiveram reunidas Karla Geovana Crispim, Ana Cristina Furtado, Michele Pires Brasil, Fabiona Raucci Krupensky e Ana Paula Marques, discutindo sobre a Fonoaudiologia. Como fruto desses encontros, motivadas pelo desejo de avanço profissional e representação, após longos telefonemas entre o Conselho Federal, Regional, Sindicatos de Santos e de São Paulo, ficou decidido que era chegado o momento de ser estruturado um sindicato da categoria.

O passo seguinte foi começarmos a ampliar o grupo. Para isso, cada uma das cinco fonoaudiólogas que iniciaram o movimento responsabilizou-se por difundir a idéia. Passados meses de divulgação, encontros, reuniões, discussões, mais uma vez e pelas mesmas razões anteriores, o movimento fracassou e a criação do sindicato caiu no esquecimento.

Ainda em 2005, um novo grupo de profissionais se organiza com o objetivo de montar uma cooperativa, para isso, foram feitas algumas reuniões, cuja iniciativa e participação efetiva deveu-se ao esforço de algumas colegas como Alessandra Cabral, Darclée Suely Padilha, entre outras.

Ocorre que, ao final desse processo, passadas várias reuniões que envolveram muitas das colegas atuantes aqui, a cooperativa esbarrou em alguns problemas como a falta de credibilidade e, principalmente, a dificuldade para vender serviços aos gestores estaduais e particulares da rede de saúde do Amazonas.

2. Perfil do Profissional no Estado do Amazonas

Em setembro de 2006, o Conselho Regional de Fonoaudiologia informou, por meio de documento oficial (anexo 6), que tem registrados 128 fonoaudiólogos exercendo a profissão no

Estado do Amazonas. Destes profissionais, 93% são mulheres e apenas 7% homens (Gráfico I).

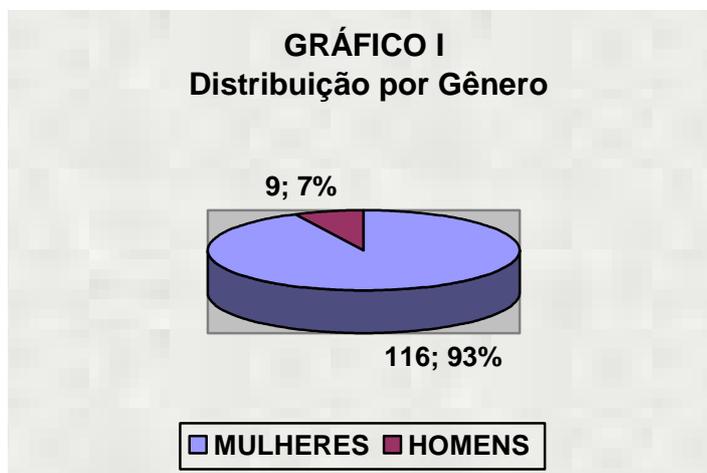


Gráfico elaborado pela autora do trabalho

No que se refere à formação dos 128 profissionais regularmente inscritos e atuantes até 2006, 49 profissionais tiveram sua formação acadêmica feita em outros Estados e 79 destes foram formados no Amazonas, conforme demonstra o Gráfico II.

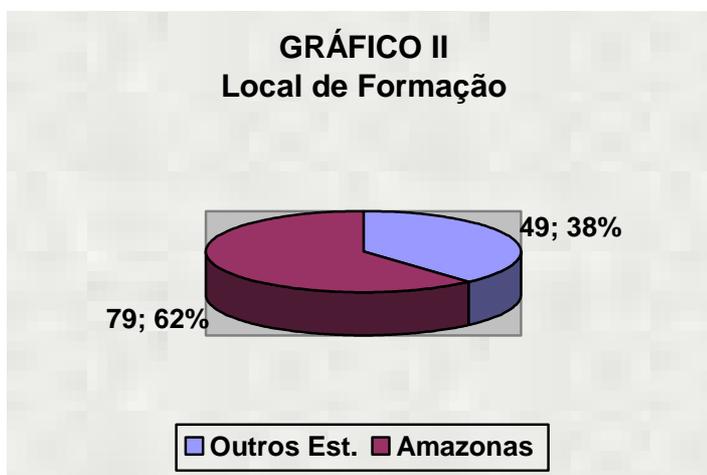
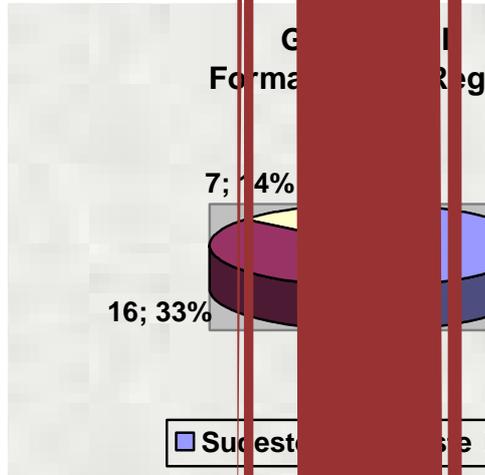


Gráfico elaborado pela autora do trabalho

Dos profissionais com formação acadêmica feita fora do Estado do Amazonas, a grande maioria é da Região Sudeste, conforme indica o Gráfico III.



Quanto à atuação, verificamos que... conseguimos localizar os 25% que não atuam. Assim, profissionais se encontram fora do mercado de trabalho.

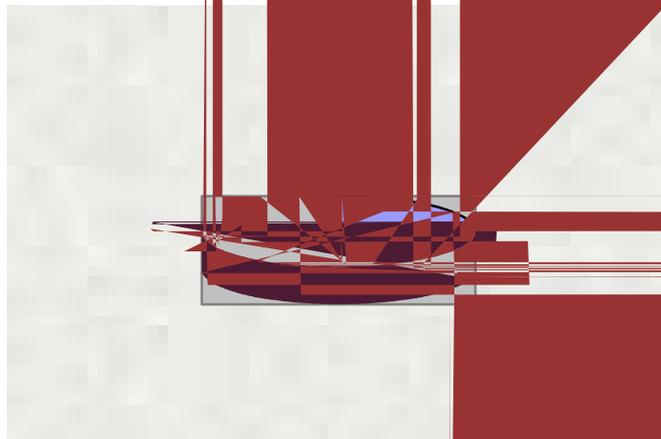




Gráfico elaborado pela autora do trabalho

É interessante salientar que a grande maioria tem especialização reconhecida pelo MEC, apenas três profissionais têm a titulação reconhecida pelo Conselho Federal⁸ e cinco são mestras (Gráfico VI). Destas, três são tituladas na área de Distúrbios da Comunicação e duas são em Educação.

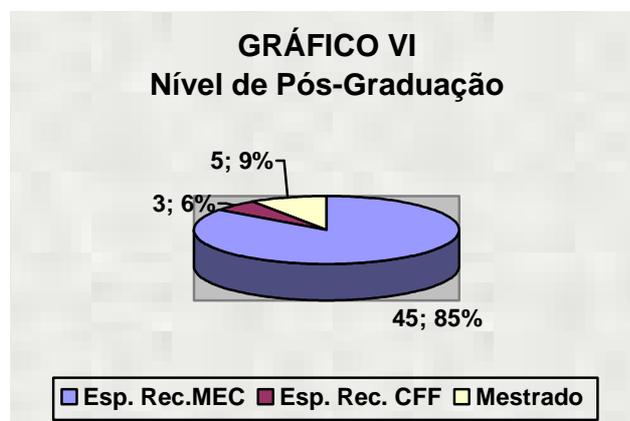


Gráfico elaborado pela autora do trabalho

3. Caracterização da atuação profissional

Em 2000 tem início no Amazonas o primeiro curso de graduação em Fonoaudiologia, cerca de 40 anos depois do início dos cursos de graduação em Fonoaudiologia no Brasil. Não

⁸ Segundo o Conselho Federal de Fonoaudiologia (até a nova Resolução que trata da concessão de títulos de especialista, de 2006), era especialista aquele que havia feito um curso que, após analisado, atendia a critérios recomendados pela referida Instituição e, portanto, passava a ser reconhecido por aquele órgão.

fugindo a toda a realidade que cerca a Fonoaudiologia no Estado, essa iniciativa foi palco de muitas brigas e divisão da categoria que, naquele ano, não chegava a 60 profissionais atuantes.

O curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário Nilton Lins está estruturado de acordo com o artigo 26 da Lei nº 5.540 do Conselho Federal de Educação, tendo em vista as conclusões do Parecer nº. 20/83, que dispõe sobre o currículo mínimo dos Cursos de Fonoaudiologia. Como citado, teve seu início em janeiro de 2000 e formou, até o presente momento, seis turmas de fonoaudiólogos, totalizando 116 egressos, assim distribuídos:

- 2º semestre de 2003, com 27 formandos;
- 1º semestre de 2004, com 15 formandos;
- 2º semestre de 2004, com 22 formandos;
- 1º semestre de 2005 com 19 formandos;
- 2º semestre de 2005, com 21 formandos;
- 1º semestre de 2006, com 12 formandos.

Fica demonstrado por esses números que nem todos estão inscritos no Conselho Regional de Fonoaudiologia 5ª Região e, portanto, não estão atuando ou estão atuando sem registro profissional. É importante ressaltar, mais uma vez, que é fundamental a presença do Conselho no Estado do Amazonas, por meio de uma seção ou mesmo delegacia, pois só dessa forma poderá haver uma fiscalização mais efetiva do exercício da profissão.

Esse curso de graduação teve sua grade curricular montada em 1999, a primeira coordenadora foi a colega Mônica Castedo e sua primeira turma foi iniciada no primeiro semestre de 2000. O curso passou por várias fases de estruturação durante os primeiros 4 anos, por exemplo, teve como coordenadora seguinte Sandra Mara (2001) e, em seguida, foi assumido por Luciana Barberena (2002).

Além dessas mudanças ocorridas quanto a coordenação, foram inseridas algumas disciplinas na grade originaria, como a inclusão do estágio supervisionado.

Em 2003, o curso passou por sua primeira avaliação pelo MEC e, durante visita “in locu”, foram avaliados o corpo docente, a infra-estrutura do curso e o projeto pedagógico. Após essa visita, o curso recebeu conceito MB e o corpo docente em B.

Nesse mesmo ano, os discentes do curso passaram pela avaliação de desempenho estudantil e receberam conceito C. Em 02 de abril de 2004, ocorreu a colação de grau da primeira turma de graduação do Amazonas no curso de Fonoaudiologia.

Em Janeiro de 2005, assume o curso referido a Fonoaudióloga Ana Cláudia Azevedo, em caráter de transição e em agosto de 2005 assume interinamente a colega Karla Geovana Moraes Crispim.

No segundo semestre de 2004, inicia-se o curso de graduação em Fonoaudiologia na Uninorte, cuja coordenadora é a colega Thelma Alcântara. Até a presente data, não formou nenhuma turma.

Em 2004 teve início o primeiro curso de pós-graduação reconhecido pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia no Estado do Amazonas, por meio do Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica – CEFAC, unidade Manaus, cuja coordenadora foi a Fga. Ana Paula Marques.

Nesse curso formaram-se 2 turmas, com carga horária de 500 horas, distribuídas em 17 meses. Uma em Motricidade Oral Geral e outra em Audiologia Clínica e Ocupacional, ambas concluídas em 2006.

No ano de 2006, iniciaram-se os cursos de pós-graduação na Uninorte e na Unilton Lins, ambas reconhecidas pelo MEC.

Segundo nos foi possível constatar, entre os períodos de 1984 e 2006, foram realizados

somente 2 concursos estaduais e um municipal. Em 2004, houve concurso público federal, com a abertura de apenas uma vaga no cargo de fonoaudióloga para o Hospital Universitário da Universidade Getúlio Vargas, Federal do Amazonas.

Importa frisar que, no Estado do Amazonas, apenas 10 fonoaudiólogas atuam nos serviços de saúde, sendo que todas em regime temporário de contratação, enquadradas como técnicas de nível superior, dado que o Estado não tem em seu quadro funcional o cargo de fonoaudiólogo.

No Município, não diferentemente daquele temos atuando como fonoaudiólogas 08 colegas enquadradas como professoras ou técnicas de nível superior, basicamente pela mesma razão. No Município de Manaus, as Secretarias não possuem, em seu plano de funcionários, o cargo de fonoaudiólogo. Temos 2 fonouadiólogas contratadas pela CLT atuando na área de Audiologia Ocupacional em empresa do Distrito industrial. Atuando em Instituições filantrópicas, temos 10 fonoaudiólogas, parte dessas contratadas e uma outra parte em regime de voluntariado. Lecionando nos cursos de Fonoaudiologia, temos 13 fonoaudiólogas. O Gráfico VII mostra a atuação dos (as) fonoaudiólogos (as) no mercado de trabalho.

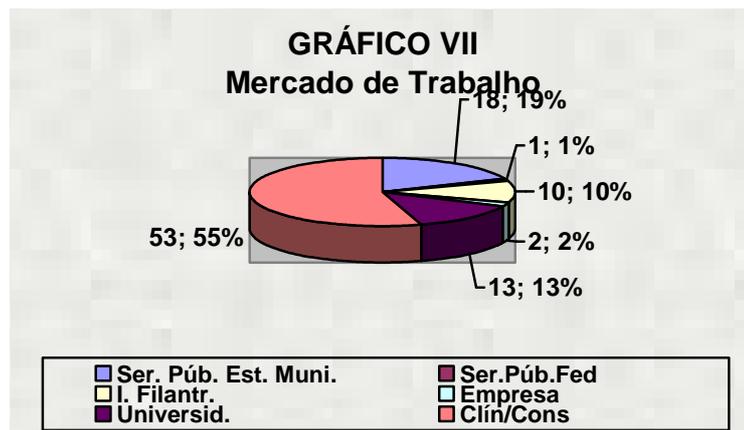


Gráfico elaborado pela autora do trabalho

Em 2003, as Fonoaudiólogas Thelma, Michele Pires Br

sobre a profissão de fonoaudiólogos e sua atuação profissional, junto a essas informações, foi solicitado ao então Secretário de Saúde que fosse inserido no plano de cargos e salários do Estado o cargo de Fonoaudiólogo.

Nesse mesmo documento, solicitávamos que os profissionais pertencentes ao quadro funcional da SUSAM – Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas – até aquela época, tivessem seus cargos corrigidos para os de fonoaudiólogos, bem como tivessem o ajuste salarial de acordo com os demais profissionais da saúde pertencentes ao órgão.

Junto a esse documento, o Conselho Regional de Fonoaudiologia elaborou outro no mesmo sentido e ambos foram entregues e protocolados na SUSAM, sem que nada fosse feito ou corrigido até a presente data.

Em termos de atuação fonoaudiológica no interior do Estado do Amazonas, formalmente sabemos, por meio do Conselho que há colegas exercendo a profissão nos Municípios de Itacoatiara, Parintins, Presidente Figueiredo, São Gabriel da Cachoeira, Porém, extra-oficialmente, sabemos que há profissionais atuando ainda em Iranduba e Manacapuru. De qualquer modo, o número oficial é de apenas 4 fonoaudiólogos atuando fora de Manaus (Gráfico VIII).



Gráfico elaborado pela autora do trabalho

Considerando o número de profissionais regularmente inscritos e atuantes, isto é, 96

fonoaudiólogos, 06 atuam na área fonoaudiológica inseridos nos serviços de educação e 90 atuam na área fonoaudiológica inseridos nos serviços de saúde (Gráfico IX). Estes dados confirmam a tendência nacional e histórica da inserção desses (as) profissionais na área da saúde.

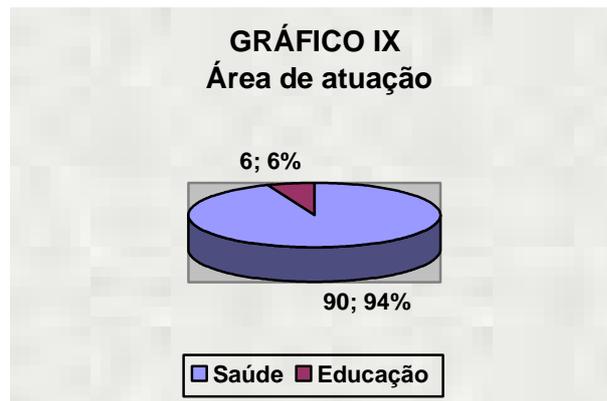


Gráfico elaborado pela autora do trabalho

Desses profissionais que atuam em serviço de educação, 2 atuam em escolas particulares da rede de ensino, 1 em escola que oferece educação especial, outros 3 atuam na Secretaria de Educação do Município de Manaus e 1 atua em instituição de ensino. Os profissionais que atuam na área de saúde estão distribuídos basicamente: 10 nos serviços de saúde do Estado, sendo 08 no PAM Codajás e 02 em maternidades.

Em 03 maternidades particulares, temos 04 fonoaudiólogas atuando; em 02 hospitais gerais particulares temos outras 02. Ressaltamos que todas são prestadoras de serviço, não tendo vínculo empregatício com nenhum desses hospitais. Todos os demais que atuam na área da saúde o fazem por meio de atendimentos em clínicas, domicílio ou consultório particular.

Em termos de área de atuação, constatamos que 82 desses profissionais trabalham basicamente com audiologia, os demais trabalham nas demais áreas de especialidades.



Gráfico elaborado pela autora do trabalho

É importante destacar que este alto número de profissionais trabalhando com Audiologia se deve, principalmente, à instalação de empresas no pólo industrial de Manaus que, por força de lei, têm por obrigação realizar exames admissionais, periódicos e demissionais em todos os funcionários. No entanto, apenas duas profissionais são da empresa. A maioria trabalha em serviço terceirizado, expressando a tendência da terceirização de serviços que é uma exigência do mercado globalizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Discutindo a Fonoaudiologia no Amazonas

A Fonoaudiologia no Amazonas surge com a vinda de profissionais pioneiras por volta da década de 1970. Essas primeiras profissionais vieram para Manaus em busca de seu crescimento, algumas acompanhando maridos e outras poucas enxergando a possibilidade de se estabelecerem profissionalmente.

Até meados de 1985, o Amazonas contou com pouco menos de 25 fonoaudiólogas atuando, sendo apenas 2 destas naturais do Estado. Em consequência dessa característica e do baixo número de profissionais, a Fonoaudiologia seguiu sem estabelecer seu espaço enquanto profissão.

Ocorre que a Fonoaudiologia aqui enfrentou, nesse período, grandes obstáculos que impediram o seu crescimento. O primeiro deles foi a distância geográfica entre o Amazonas e o sudeste brasileiro, celeiro das grandes universidades e do desenvolvimento científico.

Era muito difícil a saída daqui para outras cidades que permitissem a atualização e formação continuada dessas profissionais que, em sua maioria, eram recém-formadas. Manaus dispunha de poucos vôos domésticos, a passagem aérea era muito dispendiosa; à época, não existiam as facilidades, por exemplo, como os cartões de crédito. Além disso, não havia disponibilidade dos recursos tecnológicos que hoje permitem diminuir essa distância de

formação e informação.

Não obstante, outro aspecto importante era a idéia, que ainda persiste, de que no Amazonas havia somente índios e mata, rotulando o Estado e impedindo muitos profissionais devirem residir aqui. Alguns vinham por experiência ou cumprir prazos e, tão logo era possível, iam embora, sem nenhum vínculo ou compromisso com a profissão e com a região. Os primeiros vinte anos de atuação profissional aqui tiveram, fundamentalmente, essa marca.

A Fonoaudiologia no Amazonas foi caracterizada pela passagem de profissionais por nosso Estado, marcando uma alta rotatividade, o que impediu o amadurecimento profissional, o envolvimento e o interesse coletivo.

Até aqui, as fonoaudiólogas atuantes, basicamente, exerceram a profissão em instituições como a APAE e/ou consultórios de médicos otorrinolaringologistas que abriam campo para a atuação fonoaudiológica.

Todas as ações profissionais eram individuais, exercidas entre quatro paredes, sem nenhuma expressão, divulgação e/ou participação de categoria. Até aqui, a profissão foi marcada pelo singularismo.

Na segunda metade da década de 1980, esse cenário sofre uma modificação parcial, marcada pela tentativa de união e crescimento profissional, diga-se, sem êxito, até a presente data. Até a “criação” da Associação dos Fonoaudiólogos do Estado do Amazonas, não houve nenhuma tentativa para reunir os profissionais em busca da coletividade e da solidificação da profissão e ficamos marcados pelo terceiro obstáculo da profissão, a falta de corporativismo que impediu o crescimento da categoria.

Esse momento histórico foi marcado por algumas denúncias importantes que ficaram registradas na história profissional do Estado, as quais mostravam a construção de “feudos” profissionais. Uma divisão da categoria ocorreu devido a algumas brigas vividas e que geraram

marcas profundas nesses primeiros profissionais, que daí em diante não mais restabeleceram elos na profissão, trazendo o individual como característica em detrimento do coletivo.

Outros poucos mantiveram o desejo de construção e crescimento do sentimento de categoria, porém, em pequeno número e imbuídos de suas atividades profissionais diárias, nunca puderam fazer algo expressivo pela profissão. Além disso, nunca houve uma participação ativa, tanto do ponto de vista científico, expressa e evidenciada, por exemplo, pela falta de publicação científica em periódicos períodos e/ou participação em eventos divulgando a nossa fonoaudiologia.

Da mesma maneira, nunca tivemos proximidade com as autarquias profissionais divulgando, estreitando distâncias ou de qualquer outra forma que pudesse beneficiar a categoria profissional, mantendo a distância entre a realidade da Fonoaudiologia nos grandes centros e a Fonoaudiologia no Amazonas.

Faltou, portanto, o apoio do Conselho a classe, mesmo com a presença de um Conselheiro Efetivo no então Conselho Federal de Fonoaudiologia. Não é difícil imaginar por que isso ocorreu. Primeiro, devido à distância geográfica já explicitada. Segundo, pelo número inexpressivo de profissionais registrados e atuantes aqui e, por último, a desunião da categoria, enfrequendo-a perante o próprio Conselho.

Mesmo nesse período histórico, não houve uma participação efetiva do nosso conselheiro, pelo menos, que tenhamos tido acesso ou relato que pudesse aproximar o órgão da categoria. Ao contrário disso, o que ficou subentendido no relato de algumas profissionais oriundas daquela época, é que houve um distanciamento dos interesses da categoria em prol de benefícios individuais.

Outro grande obstáculo foi a não abertura do mercado para a atuação profissional. Os poucos colegas que atuaram até 1985 exerceram sua profissão, como já mencionado, nas poucas

instituições para tratamento de pessoas com necessidades especiais, alguns consultórios de médicos otorrinolaringologistas e em clínicas próprias de fonoaudiólogos que foram abertas e por onde passaram nossas colegas que atuaram a partir de 1985.

O sistema de saúde, marcado por características do modelo econômico, jamais reconheceu a profissão Fonoaudiologia, nem considerou a atuação profissional importante para o benefício dos seus usuários. Nunca houve e ainda não há o reconhecimento da importância deste profissional dentro dos serviços de saúde em nenhuma das esferas públicas, quer federais, quer estaduais, quer municipais e em nenhum nível de complexidade dos serviços.

O Estado nunca acolheu e ainda não acolhe o fonoaudiólogo como um profissional importante e fundamental na prestação de serviços, como ocorreu com a fisioterapia.

Isto ocorre basicamente pelo fato de que aqueles que gerenciam os serviços de saúde ou as secretarias ainda mantêm o perfil e a ideia de superioridade e submissão da categoria frente a qualquer outro profissional, quer da área de saúde, quer da área administrativa, trazendo a ideia de formação superior e competência inigualável.

Como esses gestores não conhecem e/ou reconhecem o papel do fonoaudiólogo, não há movimento algum de inclusão destes nos serviços. O modelo institucional é influenciado pelo capital e impõe regras e estruturas todas voltadas para o controle e domínio de uns em detrimento dos demais e, até aqui, a Fonoaudiologia no Amazonas permaneceu marginalizada.

Percebemos, claramente, a transferência das bases estruturais da empresa capitalista para o universo de funcionamento e estruturação dos serviços de saúde, evidenciados, principalmente, na forma de gerenciamento dos serviços, até outrora, somente realizados por médicos.

Diante disso, ao longo desses anos, não foi possível estruturar a profissão dentro dos sistemas de saúde e, muito menos, na educação, marcando uma inserção insignificante até esta data, inclusive nos serviços particulares, até por que, quem dirige os serviços públicos no Estado,

também é dono do privado.

A prova disso é que, até a presente data, um número inexpressivo de profissionais faz parte dos serviços de saúde nessas esferas mencionadas e apenas uma profissional tem sua carteira registrada como funcionária federal, devidamente registrada como Fonoaudióloga.

Todas as demais prestam serviços por meio de contratos temporários, em cargos variados,

Destacamos que, a partir da década de 1990, um maior número de fonoaudiólogos passa a exercer a profissão no Estado. Durante dez anos, percebemos que margeados pelas características já discutidas e pela ingerência do modelo econômico, os profissionais passam a buscar, incessantemente, um espaço para sua atuação.

Novos espaços, então, são criados, por meio de consultórios e clínicas fonoaudiológicas e fica evidente a ingerência do sistema capital influenciando a competitividade e a desvalorização profissional.

A profissão sofre não só por conta da imposição das regras do capital, mas se precipita no abismo de sua inexpressão, ajudada pelos próprios profissionais que se encarregaram de acelerar essa desvalorização, os quais, por meio da desunião e/ou individualismo, também impõem regras e estruturas todas voltadas para o controle e domínio de uns em detrimento dos demais.

Por meio de pequenas iniciativas individuais, vemos alguns profissionais tentando modificar toda essa realidade. Nesse sentido, surgem os pequenos movimentos de divulgação do fonoaudiólogo enquanto profissional fundamental, tanto nos serviços de saúde quanto nos serviços de educação.

A partir de 2000, contando com um maior número de profissionais recém-chegados a Manaus e por conta da criação da 5ª Região, algumas ações começam a existir em prol da divulgação da Fonoaudiologia por meio de campanhas. Inicia-se o primeiro curso de Fonoaudiologia do Estado, o segundo da região norte, quase 40 anos depois do surgimento do primeiro curso em São Paulo.

Nesse momento da história da Fonoaudiologia, enquanto profissão vemos claramente o movimento do sistema econômico ingerindo sobre a Fonoaudiologia no Amazonas:

1. Caracteristicamente, não há categoria e sim profissionais marcados pelo singularismo; até em consequência da falta de identidade profissional.

2. A ineficiência de qualquer tentativa de expressão coletiva e o abandono dessa busca; provavelmente por conseqüência de desconhecermos nossa história.
3. A desvalorização profissional visando ao aumento da produtividade, redução de custos e o aumento do seu capital, marcada pela prestação de serviços a preço vil, a venda de serviços mal prestados a preços humilhantes⁹;
4. O surgimento do curso de Fonoaudiologia, que classifica e organiza os saberes em torno dos diplomas. O capital influenciando as bases educacionais marcado pelas noções, já discutidas, de qualificação e competência.

Acreditando na mensagem constante do sistema de que para se ter respeito e direito de emprego, as pessoas precisam do diploma e iludidos pela falsa idéia de mercado, muitos jovens criaram/ tiveram criada a falsa expectativa de que, por meio da graduação em Fonoaudiologia e da conseqüente capacitação profissional, maior seriam as suas oportunidades de ingressar no mercado de trabalho. Na prática, essas pessoas têm assimilado a noção de empregabilidade, ou seja, o ingresso no mercado de trabalho é tarefa do próprio indivíduo.

Podemos observar que os currículos propostos e executados são recheados de disciplinas voltadas para a formação de profissionais que saibam exercer a profissão do ponto de vista técnico, por meio de ações curadoras, voltadas para o tratamento do desvio, do patológico, negando toda a discussão a respeito dos processos de inclusão.

Pouco se trabalha a noção do sujeito, noções de humanismo no tratamento são pouco exploradas e praticamente inexistem no percurso de formação do fonoaudiólogo. Uma vez mais, vemos claramente o modelo econômico influenciando o sistema de formação acadêmica,

⁹ Sem nenhuma condição de defesa profissional, dada a distância dos órgãos de fiscalização, ou pela inexistência de tabela de preços de procedimentos que pudessem gerar punições, e/ou pela falta de união da categoria, nada vem sendo feito para parar esse processo de desrespeito à profissão.

evidenciado pela inexistência de disciplinas ou espaços de debate que considerem a formação de um profissional crítico e até ético.

Todas essas questões são desconsideradas, a saber, as bases de formação, qualificação e os papéis institucionais, nunca são considerados nem trabalhados, muito menos fazem parte de currículos de formações ou ementas educacionais, em qualquer nível.

A consequência desse vácuo de formação reflete-se no “despreparo” evidente desses jovens profissionais que mal sabem reconhecer suas autarquias, seu papel, suas responsabilidades e em sua maioria, não sabem como lidar com as dificuldades e regras do mercado de trabalho impostas pelo sistema.

É dessa maneira que percebemos o privilegiamento da educação formal como um critério de qualificação. No modelo de competência, observamos o incentivo ao aprendizado contínuo que ocorre no e para o trabalho (MOURÃO, 2006).

Assim, foram lançados no mercado de trabalho 116 novos profissionais, marcados e formados nessa idéia de ingresso no mercado de trabalho não existente, os quais, hoje, parecem sofrer a consequência de um sistema frio que continua explorando uns e privilegiando o enriquecimento de outros.

Hoje, vemos a categoria buscando desesperadamente a formação continuada como forma de empregabilidade, tal qual o descrito no capítulo anterior, marcando a idéia de que “o trabalho é uma mercadoria e sendo o mercado altamente competitivo o trabalhador, para permanecer ou conseguir ter sua empregabilidade, necessita cada vez mais de qualificação” (MOURÃO, 2006).

Como a grande maioria dos profissionais não consegue adentrar de forma digna no mercado de trabalho, investe em cursos de pós-graduação como meio de alcançar a sonhada competência profissional que permitirá então, o exercício da profissão de Fonoaudiólogos.

Desconhecendo as regras econômicas impostas ao sistema educacional, lança-se em salas

de aula sem qualquer critério de seleção ou análise crítica da situação que o está levando à busca incessante do conhecimento sem garantia alguma de que os seus objetivos sejam alcançados.

O que pretendemos, até aqui, foi ter contribuído com a profissão Fonoaudiologia no sentido de que, a partir deste, conhecendo sua história, as dificuldades até aqui vividas, possamos não tomar por verdade que nosso futuro não é promissor, que não representamos nada enquanto categoria e que não há mercado os profissionais.

Mas, ao contrário, conhecendo tal realidade, possamos modificar nosso presente e garantir um futuro com maior respeito, ética e desejo de solidificar o nome da Fonoaudiologia no Estado do Amazonas, por meio de ações individuais sim, mas com maior consciência de que, juntos, poderemos alcançar grandes objetivos e maturidade.

Esse crescimento poderia ocorrer de uma maneira mais tranqüila, caso pudéssemos contar com o Estado, com os Municípios em suas esferas públicas de saúde e educação, bem como com maior apoio de nossas autarquias de classe.

Porém, a falta de apoio, de acesso e de oportunidades disponibilizadas não configuram problemas que não possam ser revertidos. Caso alcancemos a maturidade e possamos nos unir, mesmo em meio às diferenças, em torno de um único objetivo comum, qual seja, o crescimento da profissão, poderemos sim, e certamente o faremos, transformar nosso exercício profissional e a história atual da profissão no Estado do Amazonas .

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio. **Fonoaudiologia Geral**. 3ed., Rio de Janeiro: Enelivros Editora, 1982.
- _____. **Fundamentos científicos da fonoaudiologia**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- ARAÚJO, Ruth Bompert et al. **Fonoaudiologia Atual**. São Paulo: Revinter, 1997.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Globalização**. Londrina: Editora Práxis, 2001.
- BEFI, Débora. **Fonoaudiologia na atenção primária a saúde**. São Paulo: Ed Lovise, 1997.
- BERBERIAN, Ana Paula. **Linguagem e Fonoaudiologia: Uma análise histórica**. São Paulo, Rev. Distúrbios da Comunicação; Educ-SP: vol.12. n.2, 2001.
- _____. **Fonoaudiologia e Educação – Um encontro Histórico**. São Paulo: Plexus, 1995.
- _____. **A Normatização da Língua Nacional – Práticas Fonoaudiológicas 1920-1940”**. Mestrado no Programa de Distúrbios de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica, SP, 1993.
- BELO, David Kenneth. **O processo da comunicação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de

Cultura, 1972.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, LDA, 1994 .

BURKE, Peter e PORTER, Roy. (org.). **Linguagem Indivíduo e Sociedade** – Trad. Hattnnher, Ed. UNESP, 1993.

CAPPELLETTI, Isabel. **A fonoaudiologia no Brasil. Os reflexos sobre os seus fundamentos**. São Paulo: Cortez editora, 1985.

CARACIKI, Abigail Muniz. e colaboradores. **Ortofonia, Terapia da palavra, Terapia da Linguagem, Logopedia, Fonoaudiologia (História da Fonoaudiologia no Estado do Rio de Janeiro)**. Rio de Janeiro: Lovise, 2004.

CASTEL, Robert. **As armadilhas da exclusão**. In: BÓRGUS. Lúcia: YAZBERK, Maria Carmelita; WANDELEY, Mariângela Belfore (Orgs). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EUC, 1997.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.fono.org.br>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2006.

COSTA, Thelma. **FONOAUDIOLOGIA NO BRASIL: PERDA E GANHOS**. São Paulo, Rev. Distúrbios da Comunicação; Educ-SP: vol.12. n.2, 2001.

DAVIES, Nicholas. **Plano Nacional de Educação: muito discurso, nenhum recurso**. In: TEIXEIRA, Lúcia Helena G. **LDB e PNE: Desdobramentos na Policia educacional brasileira** . Caderno ANPAE. Ano 1. nº 1. São Bernardo do Campo. UNESP. 2002.

DELUIZ, Neise. **Formação profissional no Brasil: reflexões teóricas e análises de sua práxis**. Werner Market (org.). Ed. Paratodos. 1997.

FALCÃO, Nadia M. **Formação de técnicos de enfermagem na cidade de manaus sob o modelo de competências: 1990-2003**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação:

UFAM, 2005.

FERREIRA, Leslie Poiccolotto. **Fonoaudiologia e escola**. 1ª ed., São Paulo: Plexus editora, 2001.

FERREIRA, Maria de Moraes. **História Oral: um inventário das diferenças**. In: FERREIRA, M.M.(org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FIGUEREDO NETO, Lúcia Helena. **O Início da Prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo – Seus Determinantes Históricos e Sociais**. Mestrado no Programa de Distúrbios da Comunicação da PUC-SP, 1988.

FILHO, Antonio Amancio. **Formação do profissional no Brasil: Reflexões teóricas e análises de suas Práxis**. Werner Market (org).São Paulo: Ed.paratodos,1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. – **O Enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, I. et al. (ORG.) – *Metodologia da pesquisa educacional*. 9ed., São Paulo: Cortez, 2004. (Biblioteca da educação, Série I, Escola; v.11).

_____. **Cidadania e Formação Técnico Profissional**. *Jornal a página da Educação*. Ano,13; nº136; Julho, 2004.

_____.**A nova e a velha face da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos**. In: FRIGOTTO,G. et al.**Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____.et al. (Org.) – **Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século**. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GAMBOA, Silvio A. Sanches. – **A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto**. In: ARRUDA, I. (Org.) – *Metodologia da pesquisa educacional*. 9ed., São Paulo: Cortez, 2004. (Biblioteca da educação, Série I, Escola; v.11).

GUEDES, Zuleica Camargo. **O fonoaudiólogo e a educação: Algumas considerações**

sobre a sociedade da linguagem. Tese de Mestrado. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 1996.

HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, Celso João et al. **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1996a. p. 128-142.

KOBER, Claudia Matos. **Qualificação Profissional: uma tarefa de Sísifo.** Campinas, SP: Autores associados, 2004. – (Coleção educação contemporânea)

KONDER, Leandro. **O que é dialética.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000. (coleção primeiros passos)

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro, Paz e terra, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Trad. De Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4ed., Editora Loyola, São Paulo, 2002.

_____. **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

MEIRA, Isis. – **“Breve histórico da história da Fonoaudiologia no Brasil”.** In: MARCHESAN, I.Q. et al. **Tópicos em Fonoaudiologia.** São Paulo: Lovise, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres – **História oral e memória a cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, M. **História Oral.** Rio de Janeiro, Diadorim, 1992.

MOURÃO, Arminda. **A fábrica como espaço educativo.** São

Paulo: Scortecci, 2006.

OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves e GARGANTINI, Marisa Bueno Mendes – **“Universidade, formação e fonoaudiologia”**. In: PRO-POSIÇÕES – Revista quadrimestral da Faculdade de Educação Unicamp, vol 14, n. 1(40) – jan-abr.2003.

RAMOS, Marise Nogueira. – **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Córtext, 2001.

RIPPER, Charles Van. **Correção da Linguagem: Uma introdução à patologia da fala e a audiologia**. 8 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROCKLAND, Adriano. **Primeiros passos na Fonoaudiologia**. 1ed. SJC: Pulso Editorial, 2006.

SACRISTAN, J.Gimeno. **A educação obrigatória. Seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed ,2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.

SILVA, Jorge Gregório. **O contexto político da formação do Administrados Escolar**. Ed. da UFAM, 1996.

SPINELLI, Mauro. **Histórico da Fonoaudiologia na PUC-SP**. São Paulo, Rev. Distúrbios da Comunicação; Educ-SP: vol.12. n.2, 2001.

THOMPSON, Paul. **Voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1992.

VIEIRA, Raimundo Manno. et al. **Fonoaudiologia e Serviço Público**. Carapicuíba: pró fono, 2000. 2ed rev e ampliada.

ZARIFIAN, Philippe. **Travail e communication**. Paris: PUF, 1996.

_____. **El modelo de competencia y los sistemas productivos**. Montevideo: Cinterfor, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: _____

GRADUADA EM: _____

UNIVERSIDADE: _____

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : _____

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia () Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica ()

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: _____

ESPECIALIZAÇÃO : _____

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM () NÃO ()

Data:

Assinatura:

ANEXO 2

Ficha de identificação de entrevista:

NOME:

D.N.:

TELEFONE:

ENDEREÇO:

FILIAÇÃO:

NATURALIDADE:

NACIONALIDADE:

CRF^a:

ÁREA DE ATUAÇÃO:

GRADUAÇÃO:

PÓS-GRADUAÇÃO:

LOCAIS DE TRABALHO:

Roteiro de Entrevista semi-estruturada

Local de Origem;

Formação Profissional;

Motivo da vinda para Manaus;

Onde trabalhou no início;

Quais e onde as fonoaudiólogas anteriores atuavam;

Como era a fonoaudiologia no início;

ANEXO 3

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESOLUÇÃO CNE/CES 5, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002.^(*)

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia.

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º, do § 2º, alínea “c”, da Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento no Parecer CES 1.210/2001, de 12 de dezembro de 2001, peça indispensável do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Senhor Ministro da Educação, em 7 de dezembro de 2001, resolve:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fonoaudiologia, a serem observadas na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do País.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Fonoaudiologia definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de Fonoaudiólogos, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Fonoaudiologia das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

Art. 3º O Curso de Graduação em Fonoaudiologia tem como perfil do formando egresso/profissional o Fonoaudiólogo, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Capacitado a atuar, pautado em princípios éticos, no campo clínico-terapêutico e preventivo das práticas fonoaudiológicas. Possui formação ético-filosófica, de natureza epistemológica, e ético-política em consonância com os princípios e valores que regem o exercício profissional. Conhece os fundamentos históricos, filosóficos e metodológicos da Fonoaudiologia e seus diferentes modelos de intervenção e atua com base no rigor científico e intelectual.

Art. 4º A formação do Fonoaudiólogo tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

I - Atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;

(*) CNE. Resolução CNE/CES 5/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 12.

II - Tomada de decisões: o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;

III - Comunicação: os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;

IV - Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumirem posições de liderança, sempre tendo em vista o bem estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;

V - Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;

VI - Educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação através de redes nacionais e internacionais.

Art. 5º A formação do Fonoaudiólogo tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades específicas:

I - compreender e analisar criticamente os sistemas teóricos e conceituais envolvidos no campo fonoaudiológico, que abrange o estudo da motricidade oral, voz, fala, linguagem oral e escrita e da audição, e os métodos clínicos utilizados para prevenir, avaliar, diagnosticar e tratar os distúrbios da linguagem (oral e escrita), audição, voz e sistema sensorio motor oral;

II - compreender a constituição do humano, as relações sociais, o psiquismo, a linguagem, a aprendizagem. O estudo deste processo como condição para a compreensão da gênese e da evolução das alterações fonoaudiológicas;

III - apreender as dimensões e processos fonoaudiológicos em sua amplitude e complexidade;

IV - avaliar, diagnosticar, prevenir e tratar os distúrbios pertinentes ao campo fonoaudiológico em toda extensão e complexidade;

V - apreender e elaborar criticamente o amplo leque de questões clínicas, científico-filosóficas, éticas,

VI - possuir uma formação científica, generalista, que permita dominar e integrar os conhecimentos, atitudes e informações necessários aos vários tipos de atuação em Fonoaudiologia;

VII - reconhecer a saúde como direito e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência entendida como conjunto articulado e contínuo de ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;

VIII - desenvolver, participar e/ou analisar projetos de atuação profissional disciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares;

IX - possuir recursos científicos, teórico-práticos e éticos que permitam a atuação profissional e reavaliação de condutas;

X - conquistar autonomia pessoal e intelectual necessárias para empreender contínua formação profissional;

XI - situar a Fonoaudiologia em relação às outras áreas do saber que compõem e compartilham sua formação e atuação;

XII - observar, descrever e interpretar de modo fundamentado e crítico as situações da realidade que concernem ao seu universo profissional;

XIII - pensar sua profissão e atuação de forma articulada ao contexto social, entendendo-a como uma forma de participação e contribuição social;

XIV - conhecer métodos e técnicas de investigação e elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos;

XV - utilizar, acompanhar e incorporar inovações técnico-científicas no campo fonoaudiológico.

Parágrafo único. A formação do Fonoaudiólogo deverá atender ao sistema de saúde vigente no país, a atenção integral da saúde no sistema regionalizado e hierarquizado de referência e contra-referência e o trabalho em equipe.

Art. 6º Os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Fonoaudiologia devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em fonoaudiologia. Os conteúdos devem contemplar:

I - Ciências Biológicas e da Saúde – incluem-se os conteúdos (teóricos e práticos) de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos;

II - Ciências Sociais e Humanas – inclui-se a compreensão dos determinantes sociais, culturais, econômicos, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, lingüísticos e educacionais; e

III - Ciências Fonoaudiológicas - incluem-se os conteúdos concernentes as especificidades da Fonoaudiologia relativas à audição, linguagem oral e escrita, voz, fala, fluência e sistema miofuncional orofacial e cervical. Deverão ser abordados aspectos relativos à ontogênese e desenvolvimento da linguagem nos seus múltiplos aspectos e especificihser U TV a'Yógico.

estudo dos seus distúrbios e dos métodos e técnicas para avaliação e diagnóstico, terapia e a prevenção neste campo. Essas especificidades dizem respeito, também, à prevenção, desenvolvimento, avaliação, diagnóstico e terapia relativos aos aspectos miofuncionais, orofaciais e cervicais, além dos aspectos de voz, fluência e de fala. Em relação a audição referem-se ao desenvolvimento da função auditiva; alterações da audição; avaliação e diagnóstico audiológico, indicação, seleção e adaptação de Aparelho de Amplificação Sonora Individual e outros dispositivos eletrônicos para a surdez; métodos e técnicas para prevenção, conservação e intervenções nos distúrbios da audição.

Art. 7º A formação do Fonoaudiólogo deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente, no qual o aluno adquira experiência profissional específica em avaliação, diagnóstico, terapia e assessoria fonoaudiológicas. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Fonoaudiologia proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Parágrafo único. Este estágio deve ocorrer, prioritariamente, nos dois últimos anos de formação. A maioria destas atividades deve ser realizada na clínica-escola, adequadamente equipada para tal finalidade.

Art. 8º O projeto pedagógico do Curso de Graduação em Fonoaudiologia deverá contemplar atividades complementares e as Instituições de Ensino Superior deverão criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes presenciais e/ou a distância, a saber: monitorias e estágios; programas de iniciação científica; programas de extensão; estudos complementares e cursos realizados em outras áreas afins.

Art. 9º O Curso de Graduação em Fonoaudiologia deve ter um projeto pedagógico, construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem. Este projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do estudante através de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência.

Art. 10. As Diretrizes Curriculares e o Projeto Pedagógico devem orientar o Currículo do Curso de Graduação em Fonoaudiologia para um perfil acadêmico e profissional do egresso. Este currículo deverá contribuir, também, para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural.

§ 1º As diretrizes curriculares do Curso de Graduação em Fonoaudiologia deverão contribuir para a inovação e a qualidade do projeto pedagógico do curso.

§ 2º O Currículo do Curso de Graduação em Fonoaudiologia poderá incluir aspectos complementares de perfil, habilidades, competências e conteúdos, de forma a considerar a inserção institucional do curso, a flexibilidade individual de estudos e os requerimentos, demandas e expectativas de desenvolvimento do setor saúde na região.

Art. 11. A organização do Curso de Graduação em Fonoaudiologia deverá ser definida pelo respectivo colegiado do curso, que indicará a modalidade: seriada anual, seriada semestral, sistema de créditos ou modular.

Art. 12. Para conclusão do Curso de Graduação em Fonoaudiologia, o aluno deverá elaborar um trabalho sob orientação docente.

Art. 13. A estrutura do Curso de Graduação em Fonoaudiologia deverá garantir:

I - uma organização curricular estruturada em eixos de formação que levem a um desenvolvimento coerente e gradual, de modo a garantir a complexidade da formação pretendida;

II - estreita e concomitante relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para a aquisição dos conhecimentos e habilidades necessários à concepção clínico - terapêutica da prática fonoaudiológica;

III - na área profissional, o conhecimento das perspectivas ético/teórico/prática sustenta a formação clínico-terapêutica que é básica às diferentes atividades exercidas no campo fonoaudiológico. Apresentados em uma perspectiva histórica, os princípios e métodos fonoaudiológicos relacionados às questões éticas e técnicas explicitam a natureza da atividade desenvolvida em diagnóstico/terapia ou assessoria; e

IV - os campos de conhecimento devem ser dispostos em termos de carga horária e planos de estudo,

ANEXO 4 - resolução de áreas de especialidade

Conselho Federal de Fonoaudiologia

Documento publicado no site
www.fonoaudiologia.org.br



RESOLUÇÃO CFFa Nº 269, DE 03 DE MARÇO DE 2001

“Dispõe sobre as especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, e dá outras providências.”

Considerando o artigo 1º, parágrafo único da Lei 6965/81, que determina o campo de atuação do fonoaudiólogo,

Considerando ao artigo 4º da Lei 6965/81 que reconhece a atuação do fonoaudiólogo especialista e suas atribuições,

Considerando a necessidade de estabelecer as especialidades Fonoaudiológicas,

Considerando as melhores condições de atuação profissional,

Considerando a necessidade de esclarecer mais objetivamente cada área de conhecimento que define o profissional fonoaudiólogo especialista,

Considerando as atribuições legais conferidas ao CFFa, pelo artigo 10, inciso 2º da Lei 6965/81 e pelo artigo 2º do regimento Interno,

R E S O L V E :

Artigo 1º - As áreas de especialidade reconhecidas pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia são:

1. Audiologia;
2. Linguagem;
3. Motricidade Oral;

4. Voz.

Artigo 2º - A relação das especialidades, de que trata o art. 1º, poderá ser alterada, sempre que novas áreas de conhecimento específico passarem a contar com profissionais nelas qualificados, descartada a possibilidade de enquadramento em área de especialização correspondente ou afim.

Parágrafo 1º - A alteração de que trata o caput deste artigo ficará sujeita à aprovação do Plenário do Conselho Federal de Fonoaudiologia, que levará em conta a justificativa e a fundamentação da necessidade da alteração. Caso não fique clara a alteração, esta poderá ser discutida no próximo Encontro Científico da Classe.

Parágrafo 2º - Os pedidos de alteração na relação das especialidades poderão ser subscritos por Fonoaudiólogo em dia com suas obrigações ou qualquer órgão representativo da classe, levando-se em conta o § 1º deste artigo.

Parágrafo 3º - Os pedidos de alteração só poderão ser apresentados desde que se comprove atuação na Especialidade solicitada, de um mínimo de 1,5% do total dos profissionais inscritos nos Conselhos de Fonoaudiologia, comprovando produção técnico-científica avaliada como precedente.

Artigo 3º - Esta Resolução, aprovada em 03 de março de 2001, na 20ª Sessão Plenária Extraordinária, do Conselho Federal de Fonoaudiologia, entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da União, revogando-se as disposições em contrário, especialmente as Resoluções CFFa nºs 147/96, 148/96 e 157/96, 184/97 e 219/98.

Thelma Costa
Presidente

Odette Factuch Santos
Diretora Secretária

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Como especialista deve ser entendido o profissional que, com atuação específica, exercita sua atividade lastreado por conhecimentos científicos mais aprofundados, que lhe permitem diagnóstico, tratamento e prevenção adequada, conferindo-lhe, assim, melhores condições para uma melhor e mais completa atuação profissional, à assistência aos que lhe procuram.

O especialista, assim conceituado, está habilitado, portanto, a atuar com mais precisão em uma determinada área de conhecimento.

ESPECIALIDADES:*1. Audiologia*

Art. 1º - Audiologia é a especialidade que tem como objetivo a prevenção, avaliação e o diagnóstico funcional de problemas relacionados à audição.

Art. 2º - O Fonoaudiólogo especialista na área de Audiologia se intitulará “Especialista em Audiologia.”

Art. 3º - As áreas de competência do “Especialista em Audiologia” incluem:

- . Elaboração de programas de prevenção de problemas auditivos e conservação da audição;
- . Diagnóstico Audiológico (funcional), que inclui todo e qualquer procedimento utilizado em uma Avaliação Audiológica (de crianças e adultos) capaz de detectar um possível comprometimento auditivo;
- . Seleção, indicação e adaptação de aparelhos de amplificação sonora individuais.
- . Participação nos programas de implante coclear.

2. Motricidade Oral

Art. 1º - Motricidade Oral é a especialidade que tem como objetivo a prevenção, avaliação, diagnóstico funcional e tratamento de problemas relacionados ao sistema estomatognático bem como estética facial.

Art. 2º - O Fonoaudiólogo especialista na área de Motricidade Oral se intitulará “Especialista em Motricidade Oral”.

Art. 3º - As áreas de competência do Fonoaudiólogo especializado em Motricidade Oral incluem:

- . Avaliação das funções realizadas pelo sistema estomatognático incluindo avaliação clínica e exames utilizados para detectar suas possíveis alterações.
- . Habilitação e Reabilitação do sistema estomatognático, bem como suas funções.
- . Desenvolvimento de programas de prevenção das possíveis alterações do sistema estomatognático e de suas funções.

3. Linguagem

Art. 1º - Linguagem é a especialidade que tem por objetivo a prevenção, avaliação, diagnóstico funcional e tratamento de problemas relacionados à linguagem oral e à linguagem escrita.

Art. 2º - O Fonoaudiólogo com especialização na área da Linguagem, se intitulará “Especialista em Linguagem”.

Art. 3º - As áreas de competência do Fonoaudiólogo especialista em linguagem incluem:

- . Avaliação de processos comunicativos não verbais, da linguagem oral e da linguagem escrita.
- . Habilitação e reabilitação de indivíduos que apresentem problemas que afetem o desenvolvimento ou uso da linguagem oral e da linguagem escrita.
- . Desenvolvimento de programas de prevenção das possíveis alterações da linguagem.
- . Elaboração de programas institucionais/educacionais nas áreas da comunicação oral e escrita.

4. Voz

Art. 1º - Voz é a especialidade que tem como objetivo a prevenção, avaliação, diagnóstico funcional e o tratamento de problemas relacionados às disfonias e disodias e o aperfeiçoamento dos padrões de voz.

Art. 2º - O Fonoaudiólogo especialista na área de Voz se intitulará “Especialista em Voz”.

Art. 3º - As áreas de competência do Fonoaudiólogo especialista em Voz incluem:

- . Avaliação da função vocal incluindo: avaliação clínica, perceptual, instrumental (funcional) das estruturas do trato vocal e objetiva (laboratório de voz).
- . Habilitação e reabilitação vocal.
- . Desenvolvimento de programas de prevenção dos distúrbios da voz.
- . Aprimoramento ou trabalho em estética vocal.

Brasília-DF, 03 de março de 2001

Thelma Costa
Presidente

Odette A. Fatuch Santos
Diretora Secretária

Publicada no DOU, Seção 1, página 169, dia 30/03/01

ANEXO 5 - Guia descritivo das grandes áreas de competência do fonoaudiólogo

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA - EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO FONOAUDIÓLOGO - 7º COLEGIADO - GESTÃO 2001/2004

Documento Oficial - DEZEMBRO DE 2002 - DIRETORIA – 7º COLEGIADO

Presidente: Maria Thereza M. Carneiro de Rezende ; Vice-Presidente: Patricia Balata; Diretora Secretária: Ângela Ribas ; Diretora Tesoureira: Christiane Camargo Tanigute

COMPOSIÇÃO DO 7º COLEGIADO

Conselheiros Efetivos:

Luiz Otávio Pereira Carvalho – RJ; Giselle de Paula Teixeira – RJ; Maria Thereza M. Carneiro de Rezende – SP; Celina Pieroni de Azevedo Rezende – SP; Ângela Ribas – PR; Nádia Maria Lopes de Lima e Silva – RS; Christiane Camargo Tanigute – GO; Maria do Carmo Coimbra de Almeida – MG; Patricia Balata – PE; Hyrana Frota Cavalcante de Vasconcelos – CE;

Conselheiros Suplentes:

Edson Nahim Daher – RJ; Ana Luiza dos Santos Vieira – RJ; Maria Cecília Greco – SP; Zulmira Osório Martinez – RS; Maria de Lourdes Campos de Santana – GO; Marisa de Sousa Viana Jesus – MG; Hilton Justino da Silva – PE; Bruno Tavares de Lima Guimarães – CE

ÍNDICE

Apresentação	4
Caracterização das ações inerentes ao exercício profissional do fonoaudiólogo.....	5
Notas Históricas da Fonoaudiologia no Brasil	8
Áreas de competência	9
I Desenvolver ações de saúde coletiva nos aspectos fonoaudiológicos	10
II Realizar diagnóstico de Fonoaudiologia	10
III Executar terapia (habilitação/reabilitação)	11
IV Orientar pacientes, clientes externos e internos, familiares e cuidadores.....	12
V Monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento).....	12
VI Aperfeiçoar a comunicação humana	12

VII Exercer atividades de ensino	13
VIII Desenvolver pesquisas	13
IX Administrar recursos humanos, financeiros e materiais.....	13
X Comunicar-se	14
Competências pessoais	14
Descrição sumária	15
Áreas de atuação.....	15
Tabela	16
Instrumentos e recursos de trabalho	18

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos este documento oficial desenvolvido com muito cuidado e carinho. Foi elaborado pela necessidade do Conselho Federal de Fonoaudiologia em esclarecer aos fonoaudiólogos aos profissionais da saúde o que o profissional da Fonoaudiologia faz, onde trabalha e de que forma atua. A partir de agora, a Fonoaudiologia tem este guia como referência da ocupação do fonoaudiólogo no Brasil.

Foram ouvidos e participaram da elaboração fonoaudiólogos experientes e conceituados de diferentes linhas e regiões do Brasil que há tempos discutem como a nossa profissão tem-se desenvolvido. Certamente gostaríamos de ter contado com o trabalho de um número maior de fonoaudiólogos, mas por diversos fatores não foi possível. Agradecemos a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que este documento fosse elaborado.

É importante destacar que este é um documento de uma profissão em ascensão e que, naturalmente, terá sua continuidade por meio de fóruns, debates, congressos e do próprio desenvolvimento profissional de cada um.

A Fonoaudiologia já provou ser uma profissão séria e conceituada, por isso não podemos, de forma alguma, deixar que ela seja cerceada ou que sofra um retrocesso. Essa é a importância deste documento.

Por meio dele, também, o CFFa esteve mais próximo dos seus profissionais, que, talvez, pela primeira vez, discutiram a Fonoaudiologia independentemente da linha que seguem, com um único objetivo:

REGISTRAR A FONOAUDIOLOGIA NO BRASIL!

Maria Thereza Mendonça C. de Rzende

Presidente do Conselho Federal de Fonoaudiologia

CARACTERIZAÇÃO DAS AÇÕES INERENTES AO EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO FONOAUDIÓLOGO

INTRODUÇÃO

Este documento constitui a referência oficial do fonoaudiólogo em relação a suas atividades, de acordo com a Lei nº 6965/1981. A Fonoaudiologia consiste na ciência que tem, por objeto, o estudo da comunicação e seus distúrbios. Para tanto, focaliza os processos e aspectos participantes das ações do organismo em ambiente que requeira a comunicação, quais sejam a linguagem oral e escrita, a articulação dos sons da fala, a voz, a fluência da fala e a audição.

Levando-se em conta a complexidade da excelência na formação do fonoaudiólogo, dando continuidade à melhoria na formação profissional e científica da comunidade fonoaudiológica nacional, o número crescente de fonoaudiólogos habilitados ao exercício profissional, o avanço científico-tecnológico, a necessidade de titulação plena do fonoaudiólogo, a evolução da atuação assistencial na área da saúde, o desenvolvimento e habilidades de atuação interdisciplinar, a necessidade da descrição das competências do fonoaudiólogo de acordo com a Lei da Fonoaudiologia 6965/81, a Organização Internacional do Trabalho que descreve a análise ocupacional como uma ação que consiste na identificação, por meio da observação ou de estudos, das atividades e os fatores técnicos componentes de uma ocupação, o Conselho Federal de Fonoaudiologia - CFFa, objetivando a prioridade de descrever a atuação profissional no Brasil, constituiu uma comissão. Essa comissão, intitulada Comissão Especial de Qualificação Profissional (CEQP), contou com a participação de quatorze (14) fonoaudiólogos com reconhecida experiência e especialização nas respectivas áreas de ocupação, a saber linguagem, voz, audição e motricidade oral. Esse grupo base, coordenado por dois conselheiros do CFFa, discutiu e analisou as diversas ações relativas à prática clínica das diferentes áreas de ocupação. O trabalho inicial teve a assessoria de consultores especializados em análise ocupacional e, por meio do método DACUM (Developing a Curriculum), chegou-se à sistematização das ações que constituem cada uma das áreas de competência do fonoaudiólogo.

O produto dessa análise foi validado posteriormente, por um segundo grupo de fonoaudiólogos, composto da seguinte forma: quatro membros da CEQP, dois conselheiros do CFFa e seis novos fonoaudiólogos, representantes das áreas de especialidade, atuantes em diferentes regiões do Brasil e referendados pelos respectivos Conselhos Regionais de Fonoaudiologia.

Componentes da Comissão Especial de Qualificação:

Fga. Dra. Ana Maria Furkim

Fga. Dra. Maria Cecília Bevilacqua

Fga. Dra. Célia Maria Giacheti

Fga. Ms. Christiane Camargo Tanigute

Fga. Dra. Débora Maria Befi Lopes

Fga. Dra. Eliane Schochat

Fga. Dra. Esther Mandelbaum Gonçalves Bianchini

Fga. Dra. Ieda Chaves Pacheco Russo

Fga. Dra. Irene Queiroz Marchesan

Fgo. Dr. Jaime Zorzi

Fga. Dra. Jacy Perissinoto

Fga. Dra. Kátia de Almeida

Fga. Esp. Lídia D'agostino

Fga. Dra. Leslie Piccolotto Ferreira

Fga. Dra. Mara Suzana Behlau

Fga. Esp. Maria Thereza Mendonça C. de Rezende

Fonoaudiólogos referendados pelos respectivos:

Conselhos Regionais:

Fga. Esp. Maryse Malta Muller – CRFa 1ª Região

Fga. Dra. Célia Maria Giacheti – CRFa 2ª Região

Fga. Dra. Ana Paula Berberian – CRFa 3ª Região

Fgo. Ms. Fábio José Delgado Lessa – CRFa 4ª Região

Fga. Esp. Celina Kassumi Kunieda Suzuki – CRFa 5ª Região

Fga. Dra. Ana Cristina Cortes Gama – CRFa 6ª Região

Consultores do Método DACUM:

Ana Cristina Rondet

Sophie Louette Bernardet

Colaboradoras:

Fga. Dra. Maria Isis Marinho Meira

Pedagoga Dra. Cristiana Ferrari

NOTAS HISTÓRICAS DA FONOAUDIOLOGIA NO BRASIL

A idealização da profissão de fonoaudiólogo no Brasil data da década de 1930, oriunda da preocupação da Medicina e da Educação com a profilaxia, bem como a correção de erros de linguagem apresentados pelos escolares.

Historicamente, a formação acadêmica em Fonoaudiologia, no Brasil, teve início na década de 1950, com a criação do curso de Logopedia, na cidade do Rio de Janeiro.

Na década de 1960, originou-se o ensino da Fonoaudiologia em São Paulo voltado à graduação com cursos de duração inicial de um ano, chegando ao final da década com duração de três anos.

Na década de 1970, iniciaram-se os movimentos a fim de reconhecer os cursos de graduação como de nível superior, com duração plena e titulação de bacharel e direito a mestrado e doutorado em Fonoaudiologia. O primeiro currículo mínimo, do curso, foi regulamentado pela Resolução nº 54/76, do Conselho Federal de Educação, fixando disciplinas e carga horária.

Sancionada em 09 de Dezembro de 1981, pelo então presidente João Figueiredo, a Lei nº 6965, que regulamentou a profissão de fonoaudiólogo, veio ao encontro dos sonhos de uma categoria profissional carente de reconhecimento. Além de determinar a competência do Fonoaudiólogo, com a Lei, foram criados os Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia, tendo, como principal finalidade, a fiscalização do exercício profissional. Finalmente, em 31 de maio de 1982, o Decreto Lei nº 87.218 foi sancionado e aprovou a Lei nº 6965/81.

Em 1983, as atividades do Conselho Federal de Fonoaudiologia tiveram início. Em 15/09/84, pela Resolução CFFa nº 010/84, foi aprovado o primeiro Código de Ética da profissão, listando os direitos, deveres e responsabilidades do fonoaudiólogo, inerentes às diversas relações estabelecidas em função da atividade profissional.

Vale ressaltar que a instituição do Sistema Único de Saúde, em 1988, pela Constituição Federal, regulamentado pela Lei nº 8080/ 90, possibilitou, pela sociedade, o acesso universal, equânime a serviços e ações de promoção, proteção, bem como a recuperação da saúde. Nesse contexto, o fonoaudiólogo passou, então, a ser reconhecido como um dos profissionais da área da saúde a compor equipes de profissionais responsáveis pela assistência integral (primária, secundária e terciária) à saúde dos indivíduos.

O crescimento da profissão, a ampliação do mercado de trabalho do fonoaudiólogo e a maior conscientização da categoria têm levado os Conselhos de Fonoaudiologia à revisão da Legislação.

ÁREAS DE COMPETÊNCIA

O Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa), instado a facilitar o entendimento das ações relativas ao fazer fonoaudiológico e sensível à necessidade de discutir, como também descrever as ações atualmente inerentes ao

exercício profissional, constituiu a referida comissão com o propósito de caracterizar a ocupação do fonoaudiólogo no Brasil.

Elaborou-se, por conseguinte, um documento descritivo das grandes áreas de competência do fonoaudiólogo, assim como as competências pessoais, habilidades, recursos, instrumentos de trabalho e locais de atuação necessários à plena realização, apresentado neste momento aos profissionais pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia.

Identificaram-se dez grandes áreas de competência (GAC) do fonoaudiólogo, listadas na seguinte ordem: desenvolver ações de saúde coletiva dos aspectos fonoaudiológicos; realizar diagnóstico de Fonoaudiologia; executar terapia (habilitação/reabilitação); orientar pacientes, clientes internos e externos, familiares e cuidadores; monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento); aperfeiçoar a comunicação humana; exercer atividades de ensino; desenvolver pesquisas; administrar recursos humanos, financeiros e materiais e comunicar-se. Listaram-se, também, competências pessoais facultativas e habilidades, favorecendo o exercício profissional.

Em anexo, são oferecidos a descrição sumária, áreas de atuação e instrumentos utilizados pelo fonoaudiólogo, bem como um quadro sintetizando as grandes áreas de competência e as respectivas ações em que essas se desdobram. A leitura das GACs deve ser realizada na dimensão horizontal; contudo, muitas das ações das competências descritas, representadas pelas células dispostas linearmente, podem pertencer a mais de uma categoria. A classificação das ações, comuns a várias GACs, foi realizada pela preferência de alocação, embora muitas Conselho Federal de Fonoaudiologia delas sejam aspectos compartilhados por diversas grandes áreas.

A concretização dessas ações torna possível a realização de intervenção precoce, que pode prevenir e minimizar os distúrbios fonoaudiológicos e suas conseqüências.

II. Realizar diagnóstico de Fonoaudiologia

Para realizar o diagnóstico fonoaudiológico, deve-se obter a história clínica do paciente/cliente, por meio de coleta de dados de entrevista ou anamnese, ou procedimento similar, tais como questionários impressos. Além disso, dados adicionais podem ser obtidos nos prontuários das instituições. A avaliação do paciente/cliente é Conselho Federal de Fonoaudiologia realizada por meio de exame clínico e/ou pela observação de comportamentos relacionados à linguagem oral e escrita, voz, fluência da fala, articulação da fala, função auditiva periférica e central, função vestibular, sistema miofuncional orofacial e cervical, deglutição e seus transtornos.

O exame clínico compreende, entre outras ações, a realização de provas, testes, exames específicos, análises e pesquisas minuciosas, assim como a descrição de parâmetros e comportamentos, objeto da avaliação fonoaudiológica. Cabe, ao fonoaudiólogo, analisar e interpretar os dados provenientes dos procedimentos de avaliação por ele realizados.

Quando necessário, solicita e analisa provas, testes, pareceres e exames complementares ao diagnóstico fonoaudiológico, a fim de estabelecer critérios de elegibilidade de ações fonoaudiológicas, concluir o diagnóstico fonoaudiológico, levantar hipóteses de fatores cor-relatos às manifestações observadas e definir a conduta e o prognóstico fonoaudiológico. Ao estabelecer a conduta fonoaudiológica, cabe indicar terapia fonoaudiológica e realizar outros encaminhamentos e ações necessárias decorrentes da conclusão do processo diagnóstico.

Dessa forma, o diagnóstico fonoaudiológico engloba o processo de avaliação e necessariamente precede e norteia a conduta fonoaudiológica.

III. Executar terapia (habilitação/reabilitação)

Essa área refere-se à competência para realizar terapia fonoaudiológica da linguagem oral e escrita, voz, fluência da fala, articulação da fala, função auditiva periférica e central, função vestibular, sistema miofuncional orofacial e cervical e deglutição, tanto no que diz respeito à habilitação, como à reabilitação de pacientes/clientes.

A grande área em questão é constituída por uma série de ações que envolvem tanto a seleção, como a indicação e aplicação de métodos, técnicas e procedimentos terapêuticos, adequados e pertinentes às necessidades e características do paciente/cliente.

Ao fonoaudiólogo, cabe, portanto, a seleção à adaptação de órteses, próteses e tecnologia assistiva em audição, em comunicação humana e deglutição, além de introduzir formas alternativas de comunicação. Também fazem parte dessas ações definir os parâmetros de alta e dar a alta propriamente dita.

IV. Orientar pacientes, clientes externos e internos, familiares e cuidadores

Essa área refere-se à competência para orientações e aconselhamentos relativos aos diversos aspectos da atuação fonoaudiológica, a fim de esclarecer pacientes, clientes, familiares e cuidadores.

A grande área em questão é constituída por ações que envolvem a escuta profissional, a explicação, a instrução, a demonstração, a proposição de alternativas e a verificação da eficácia das ações propostas.

Para orientar o paciente ou o cliente, o fonoaudiólogo deve escutá-lo, esclarecer os problemas existentes e suas conseqüências, explicar a anatomia e a fisiologia dos sistemas envolvidos na comunicação e na deglutição, assim como explicar o desenvolvimento da comunicação humana; explicar e demonstrar os procedimentos, as rotinas e as técnicas fonoaudiológicas. Propõe alternativas de comportamento e realiza aconselhamento fonoaudiológico. Visita domicílios, escolas e postos de trabalho para dar esclarecimentos pertinentes. Verifica ainda a compreensão da orientação ministrada e esclarece dúvidas.

V. Monitorar desempenho do paciente ou cliente (seguimento)

O fonoaudiólogo realiza o seguimento do paciente/cliente e monitora seu desempenho. Ao monitorar, estimula e verifica a adesão, a continuidade, a efetividade e o grau de satisfação do paciente/cliente quanto ao tratamento e/ou orientação fonoaudiológica e quanto à adaptação das órteses, próteses e tecnologias assistivas.

É da competência do fonoaudiólogo a verificação de riscos e danos das funções auditiva e vocal, assim como das condições ambientais para melhor desempenho do paciente/cliente. Tais ações implicam reavaliar e reformular condutas, métodos, técnicas, terapias e procedimentos, comparar resultados de avaliações e discutir prognóstico.

VI. Aperfeiçoar a comunicação humana

Tendo em vista a importância da comunicação humana, é da competência do fonoaudiólogo desenvolver programas de aperfeiçoamento e aprimoramento da linguagem oral e escrita, das funções cognitivas e dos aspectos miofuncionais orofaciais e cervicais.

É ainda de atribuição do fonoaudiólogo aprimorar e aperfeiçoar a comunicação em público, a comunicação ocupacional, ou profissional e orientar as possibilidades de melhora das condições ambientais, favorecendo a comunicação humana.

VII. Exercer atividades de ensino

As atividades de ensino exercidas pelo fonoaudiólogo incluem: planejar cursos, elaborar atividades didáticas, coordenar atividades de ensino, lecionar em cursos de graduação e pós-graduação (strito e lato senso), ministrar cursos livres e treinamentos, bem como exercer atividades de supervisão.

A fim de verificar a efetividade do que foi ensinado, o fonoaudiólogo avalia o ensino e a aprendizagem, por meio de instrumentos específicos.

VIII. Desenvolver pesquisas

São atividades dessa área de competência: eleger, desenvolver e implementar linhas de pesquisa e metodologias científicas, bem como elaborar projetos, desenvolver e validar métodos, técnicas e instrumentos de avaliação, diagnóstico e terapia fonoaudiológica.

Pertence a essa competência orientar e apreciar trabalhos técnicos e científicos, assim como avaliar a produção científica fonoaudiológica. Cabe, ao fonoaudiólogo, captar recursos e disponibilizar dados de produção científica.

IX. Administrar recursos humanos, financeiros e materiais

É atribuído ao fonoaudiólogo administrar, orçar, selecionar, inventariar e verificar o funcionamento de equipamentos, materiais e recursos tecnológicos, além de alocar recursos financeiros e controlar custos. Administrar recursos humanos pertinentes ao fonoaudiólogo: definir perfil e quadro de pessoal, regras de prestação de serviço, honorários profissionais, cronograma, escala de trabalho e organograma, assim como selecionar, contratar, requalificar, transmitir instruções, supervisionar pessoal e equipes de apoio, assim como outras atividades pertinentes ao fonoaudiólogo.

X. Comunicar-se

Essa competência é genérica e refere-se a todos os procedimentos fonoaudiológicos relativos ao ato de comunicar-se, envolvidos nas nove competências anteriormente descritas. Cabe, portanto, a essa competência divulgar a profissão; conceder entrevistas à mídia; organizar eventos científicos; elaborar material de divulgação, manuais, pareceres e relatórios; redigir trabalhos científicos para publicação; discutir casos clínicos; registrar procedimentos em prontuários e emitir laudos e atestados.

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Foram eleitas algumas atribuições pessoais, consideradas características, ou habilidades favorecendo o desempenho profissional do fonoaudiólogo. O desenvolvimento de tais habilidades deve ser almejado. Entre essas, ressaltamos que o fonoaudiólogo pode prestar assessoria técnica e consultoria; participar de projetos político-pedagógicos, de sociedades científicas, entidades de classe, conselhos, comitês, comissões, órgãos gestores e processos de seleção; participar de grupos de pesquisa e bancas examinadoras; atuar em equipes intra e interdisciplinares; realizar perícias e auditorias técnicas e normatizar ações em Fonoaudiologia. O fonoaudiólogo deve trabalhar com segurança, adotar medidas de precaução padrão e saber operar instrumentos e equipamentos da área.

Da mesma forma, valoriza-se demonstrar competência verbal e escrita, capacidade de análise e síntese, objetividade, perseverança, criatividade e capacidade de observação. O fonoaudiólogo deve ainda ter facilidade em estabelecer relacionamentos interpessoais, transmitir segurança, tomar decisões e auto-avaliar-se freqüentemente.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA

O fonoaudiólogo é um profissional da Saúde, de atuação autônoma e independente, que exerce suas funções nos setores público e privado.

É responsável por promoção da saúde, avaliação e diagnóstico, orientação, terapia (habilitação/reabilitação), monitoramento e aperfeiçoamento de aspectos fonoaudiológicos envolvidos na função auditiva periférica e central, na função vestibular, na linguagem oral e escrita, na articulação da fala, na voz, na fluência, no sistema miofuncional orofacial e cervical e na deglutição.

Exerce também atividades de ensino, pesquisa e administrativas.

ÁREAS DE ATUAÇÃO*

- Unidades básicas de saúde
- Ambulatórios de especialidades
- Hospitais e maternidades
- Consultórios
- Clínicas
- Home care
- Domicílios

- Asilos e casas de saúde
- Creches e berçários
- Escolas regulares e especiais
- Instituições de ensino superior
- Empresas
- Meios de comunicação
- Associações
- ONGs

* Entre outras que possam advir da necessidade do trabalho fonoaudiológico.

Conselho Federal de Fonoaudiologia

INSTRUMENTOS E RECURSOS DE TRABALHO

- Aspirador
- Audiômetros
- Brinquedos e jogos educativos e clínicos
- Cabina acústica
- Caneta otoscópica
- Cronômetro
- Cruz de calibração biológica
- Diapasão
- Disc man
- Eletroglotógrafo
- Eletrognatógrafo
- Eletromiógrafo
- Eletropalatógrafo

- Equipamento para emissões otoacústicas
- Equipamento para estimulação e desprogramação neuromuscular
- Equipamentos de análise acústica
- Equipamentos de biosegurança
- Equipamentos de proteção individual (EPI)
- Equipamentos para mensuração in situ
- Equipamentos de medição de fluxo aéreo
- Espelho de glatzel
- Espirômetro
- Estabilizadores
- Estetoscópio
- HIPRO
- Imitanciômetro
- Instrumentos de calibração
- Jogos de áudio-cup
- Kits de logaudiometria

- Material de consumo
- Material de consumo específico
- Medidor de pressão sonora
- Metrônomo
- Motor de chicote (utilizado para fazer ajuste nos moldes e caixas de aparelhos intra-auriculares)
- Otocalorímetro
- Otoscópio
- Oxímetro de pulso
- Paquímetro
- Publicações especializadas
- Recursos audiovisuais

- Recursos de informática
- Seringa para realizar pré-moldagem
- Sistema de campo livre
- Sistema de gravação
- Sistemas de biofeedback
- Softwares variados
- Sondas de aspiração
- Tambor rotatório
- Testes e protocolos específicos
- Torpedo de oxigênio
- Unidade móvel
- Vectonistagmógrafo
- VRA

Conselho Federal de Fonoaudiologia - CFFa

SRTVS - quadra 701, bloco E, salas 624/630

Edifício Palácio do Rádio II - Brasília - DF - CEP 70340-902

Fones (0xx61) 322-3332 - Fax: (0xx61) 321-3946

fono@fonoaudiologia.org.br - www.fono.com.br

ANEXO 6 - Documento oficial do Conselho Regional

Entidades Manaus***NOME TEFONES***

ADRIANA NOGUEIRA MACHADO DANTAS MANAUS
 ALESSANDRA AMARAL DE CASTRO MANAUS
 ALESSANDRA MARTINS MORIYA MANAUS
 ALESSANDRO SILVA PONTES MANAUS
 ALEXANDRA MONTEVERDE DE SOUZA MANAUS
 ALICE MARCIA SOUZA DE QUEIROZ MANAUS
 ALINE COSTA DOS SANTOS GAMA MANAUS
 ALINE SIMOES MARQUES MANAUS
 AMIRE FARIAS E SILVA MANAUS
 ANA AMELIA DE MENEZES BARBOSA MANAUS
 ANA CLAUDIA CEZARINO MANAUS
 ANA CLAUDIA MAGALHAES PEREIRA FARIAS AZEVEDO MANAUS
 ANA CONCEICAO UTTA RAMOS GALVAO MANAUS
 ANA CRISTINA FURTADO DE CARVALHO MANAUS
 ANA GUERREIRO LEAL MANAUS
 ANA LUCIA ALVES PEIXOTO DE FRANÇA MANAUS
 ANA PAULA MARQUES KAUFFMAN MANAUS
 ANDREA CORDEIRO DA SILVA MANAUS
 ARLETE FERREIRA CABRAL MANAUS
 ASTRYD PORTILHO DA SILVA PARINTINS
 AUCILEIA BEZERRA SALAZAR MANAUS
 BRUNO SILVA DO AMARAL MANAUS
 CARLA DANIELA PEDROSA VARELLA MANAUS
 CARLOS ALBERTO DODO E SILVA MANAUS
 CAROLINA VIANA SOARES FERREIRA PRIMOLA MANAUS
 CECILIA BORGES LOUZADA MANAUS
 CELIA MARIA RODRIGUES MANAUS
 CELMA CARLOS PINHEIRO MANAUS
 CINTIA SAMPAIO DE ARAUJO MANAUS

28/04/2006 14:56:34 Página 1

NOME TEFONES

CLAUDIA BARBOSA DE OLIVEIRA DE LUCCA MANAUS
 CLAUDIA LETICIA NADER MANAUS
 CLAUDIA REGINA ALVES LEONI MANAUS
 CLEISA MARIA MONTEFUSCO PINHEIRO MANAUS
 CONSUELO ROCHA LIMA DA SILVA MANAUS
 CRISTIANO DOS SANTOS MILHOMEM MANAUS
 DANE FROTA DA JORNADA RIBEIRO MANAUS
 DANIELA SOUTO MAIOR DE ATHAYDE MANAUS
 DANIELA ZIMMER MANAUS
 DANIELE GUIMARAES ALVES MANAUS
 DANIELLE GONÇALVES FERNANDES VIEIRA MANAUS
 DARCLEE SUELY MONTEIRO LITAFF SOUZA PADILHA MANAUS
 DENISE CRISTINA DE MORAIS E SILVA MANAUS
 DULCINEIA FONSECA DE LIMA MANAUS
 EDEANES RADTKE BARBOSA MANAUS
 EDMARA KELLY DE LIMA SOARES MANAUS
 ELAINE KEIKO YAMADA MANAUS
 ELIANA DA SILVA BATISTA MANAUS
 ELIANA MONTEIRO MAQUINE MANAUS
 ELIANE ROSA LIMA DA SILVA MANAUS
 ELIENE MARTINS CAMPOS SOUZA OLIVEIRA MANAUS
 ELIZABETE MARTINS PEREIRA MANAUS
 ELIZABETH MATILDA OLIVEIRA WILLIAMS MANAUS
 ELLEN AMANDA LIRA DE CARVALHO MANAUS
 EUZEBIO JOSE MAIA VASCONCELOS MANAUS
 EVELIZE SILVA CARDOSO MANAUS
 EWERTON DAVIS GADELHA GUIMAS MANAUS
 FABIANE ROCHA MARINHO MANAUS
 FABIOLA DE OLIVEIRA FIGUEIREDO MANAUS

FABIOLA NANCY RAUCCI KRUPENSKY MANAUS

28/04/2006 14:56:34 Página 2

NOME TEFONES

FERNANDA BOROWSKY DA ROSA MANAUS
 FERNANDA DIAS NOGUEIRA MACHADO MANAUS
 FRANCISCA MARIA CRUZ MANAUS
 FRANK SANTANA LASMAR
 GEORGETH ARAUJO MIGLIO COSTA MANAUS
 GEOVANA GOMES NERI MANAUS
 GLAURIA ANNE CARVALHO NOVO MANAUS
 INES KATIA CAVALIER BASTOS MANAUS
 JOECY SANTOS DE AZEVEDO MANAUS
 JOSE CARLOS FERNANDES TAVARES MANAUS
 JULIANA ALMEIDA DOS SANTOS SÃO GABR.DA CACH.
 JULIANA OLIVEIRA DA ROVARE PRES. FIGUEIREDO
 JULIANA PEREIRA BEZERRA MANAUS
 KARLA GIOVANNA MORAES CRISPIM MANAUS
 KESIA MARIA DO NASCIMENTO COSTA MANAUS
 KEVIN DE SOUZA MAIA MANAUS
 LETÍCIA CARDOSO DECIO MANAUS
 LIDIANE COSTA DE SOUZA ITACOATIARA
 LIDIANE LIMA DE MENEZES MANAUS
 LILIA MARIA DA COSTA ROCHA MANAUS
 LILIAN RIBEIRO DE CASTILHO MANAUS
 LIVIANY MENEZES DE MOURA MANAUS
 LUCIANA DA SILVA BARBERENA MANAUS
 LUDYMILLA LACERDA DE MELO MANAUS
 MANUEL DE JESUS FERNANDES DA COSTA JUNIOR MANAUS
 MARA RUBIA BRITO DE SIQUEIRA MANAUS
 MARCIA DE FATIMA FIGUEIREDO MEIRA MANAUS
 MARCIA MARIA DE OLIVEIRA PASTOR MANAUS
 MARIA ANTONIETA ALVES BATISTA MANAUS
 MARIA DE FATIMA CORREA DE OLIVEIRA LIMA MANAUS

28/04/2006 14:56:34 Página 3

NOME TEFONES

MARIA DE FATIMA GOMES SAMPAIO MANAUS
 MARIA DO SOCORRO MEDEIROS DE CARVALHO MANAUS
 MARIA ESTELA CHAGAS FERREIRA MANAUS
 MARILAINE BITTENCOURT MENDES MANAUS
 MARISTELA CONDE RODRIGUES COSTA MANAUS
 MICHELLE PIRES BRASIL MANAUS
 MIRELLE BARROS DOS SANTOS MANAUS
 MONICA ANGELA CASTEDO MANAUS
 MONICA CABRAL FIGUEIREDO MANAUS
 MONICA PERALES RABELLO OLIVEIRA MANAUS
 NAIANA MARIA SOARES BEZERRA MANAUS
 NEODETE KORBES MANAUS
 PATRÍCIA DA SILVA SERRAO MANAUS
 PAULA FABIANA DE OLIVEIRA MANETA MICHETTI MANAUS
 RAFAELA GRILLO CORREA MANAUS
 RAIMUNDA XAVIER DE LIMA MALHEIROS MANAUS
 RAQUEL ANGELLY MOTA DA ROSA ESTRAZULAS MANAUS
 ROSIMARY PUCU DE C CARNEIRO MANAUS
 SABRINA LEO BASTOS MANAUS
 SALETE BASTOS FERREIRA MANAUS
 SAMARA LIOÇA LINHARES MANAUS
 SELMA CAVALCANTE GOMES MANAUS
 SHEILA VIEIRA ASSAYAG MANAUS
 SONIA BEZERRA DA SILVA MANAUS
 SUELEN FARIAS LOBO DE MENEZES MANAUS
 SUSIE RIBAS DA GAMA MANAUS
 SUZANA ZUANY AREOSA MANAUS
 TAMES CRISTINA OLIVEIRA LIMA MANAUS
 TATIANA LIMA FRANCO MANAUS
 TENNESSA ALEXANDRA MATOS NAHMIA MELO MANAUS

28/04/2006 14:56:34 Página 4

NOME TEFONES

TEREZA CRISTINA FURTADO BELEM MEDEIROS MANAUS
 THELMA ALCANTARA PARANHOS LIMA MANAUS

THIAGO VASCONCELOS DE SOUZA MANAUS
TRICIA DE SOUZA BARROS MANAUS
VANESSA DA SILVA SOUZA MANAUS
VILMARA AQUINO MARTINS MANAUS
VIVIANE CAVALCANTE PINTO MANAUS
WYNA CARLA CASTANHEIRA CHADS MANAUS
ZENELI RIOS CAMPOS MANAUS

Qtd: 128

28/04/2006 14:56:34 Página 5

APÊNDICE¹⁰

¹⁰ Para título de demonstração, elencamos uma das entrevistas realizadas e disponibilizamos para leitura em forma de apêndice.

ENTREVISTA

Fonoaudióloga Dulcineia Fonseca De Lima.

EM: 09/ 08/ 2005

Ana - Você é natural de onde?

Dulcineia - Eu sou amazonense. Fui para o Rio de Janeiro, para fazer faculdade. Eu terminei em 1979. Basicamente comecei a trabalhar em Manaus, final de 79, começo de 80. Trabalhei na Apae daqui do Amazonas, onde na época todas as crianças eram fissurados, deficiente visual, auditivo, e tudo! Fiz uma das primeiras avaliações de áudio, que foi para fazer minha divisão dos alunos. Criei escolas de

Dulcinei .

Ana 7.u -1.35771()11.028(f1()-1.3584()-291.745i)-0.943445(e-19.(o)-p(e[(a)-13.()-943445((p 0.977435(o)-1.3584vu)-1

logo em seguida veio a Telma, que eu já conhecia do Rio de Janeiro, porque nos estagiamos, aliás ela estudou onde eu morava, que era o IBMR: Instituto Brasileiro de Medicina e Reputação. E nós nos conhecíamos do estágio de Fonoaudiologia do Impas, que era o instituto : PAM do São Francisco de Assis, onde eu estagiei, como fonoaudióloga, então já nos conhecíamos de lá, e um dia ela foi na clínica, onde eu trabalhava, eu não estava lá, me disseram, e por acaso ela estava de boca aberta, eu cheguei, meu colega era militar e ele me apresentou, ai nos ficamos muito amigas. Depois nos montamos um consultório de Piere Audiométrica.

Ana - Quando?

Dulcineia - Acho que 84, 85, por ai. Tudo foi muito rápido. E logo depois, a Márcia, já tinha ido embora e eu fiquei nesta pinica com este grupo, nós montamos a Multiclínica, que era um grupo com várias especialistas, como eu já te falei. Ficamos lá acho que mais ou menos 4 anos juntos, aí nos montamos com mais um otorrino, que era o Vagner, nos montamos a audiométrica, passamos eu acho que um bom tempo juntos, depois cada um foi para o seu lado, eu fiz a minha e ela com a audiométrica. Eu basicamente trabalhei em todos os lugares deficiência auditiva, deficiência visual, ai, dei uns cursos para professores, assim fazendo parte do grupo da equipe multidisciplinar, e não sozinha.

Ana - Que ano foi a 1º turma? 2001?

Dulcineia - Acho que foi em 99, 2000.

Ana - Fostes também a 1º professora de fonoaudiologia?

Dulcineia - Exatamente. Ai foi quando abriu a turma aqui de Fonoaudiologia. Antes mesmo já tinham me falado dessa turma, até a nível de coordenação, eu realmente tinha outras coisas importantes, mas quando se trata de ajudar eu não podia negar. Ai vim participar da banca, eu fiquei como professora de Introdução à Fonoaudiologia, na época só tinha eu e a Mônica Castelo, que era coordenadora e era fonoaudióloga também, que foi em 1999 né? Julho de 1999 foi a 1º turma de fono, depois teve saí, para dar uma relaxada e fazer outras coisas e voltei um a um ano e meio novamente para faculdade. Depois disso acho que em 1993 estavam procurando faculdade para fazer curso de mestrado, porque eu precisava fazer mestrado. Eu vivia pelas faculdades atrás de mestrado, eu queria fazer patologia da linguagem, mas não tinha, mas houve a oportunidade de fazer, que era um grupo que vinham do estrangeiro para lá. E eles estavam tentando implantar o curso o implantar o curso de Mestrado na Universidade do Amazonas. Ai nos concorremos, porque ai foram várias áreas. Área de linguagem, área de artes, acho que tinha umas três áreas, só concorrer. E assim, nos fizemos provas. Todas aquelas provas que você sabe! E ai, fui classificada para área de lingüística, e fiz o mestrado nesta área. O Dr Paulo Renan e a professora Virian Venat. E depois disso nos fizemos o mestrado, ai foi à época que eu entrei na faculdade como professora, e entrei em outras coisas, já fiz também trabalho pelo interior no estado do Amazonas, sempre como fonoaudióloga. Acho que assim, tudo o que tenho e sou eu devo a fonoaudiologia, e dou graças a Deus por ser fonoaudióloga, é uma coisa que eu amo de paixão, e nada me tira desse trilho de fonoaudiologia, porque eu estou assim, na área que eu escolhi, que eu nem conhecia, na época agente nem conhecia, nem sabia que existia, pra gente só existia a medicina.

Ana - Então como foi isso Dudu?

Dulcineia - Eu fui para o Rio para fazer medicina. Por que em 79, nos tínhamos o 1º curso reconhecido.

Ana - Você já entrou na faculdade de fonoaudiologia? O currículo ainda era aquele de 2 anos?

Dulcineia - Sim. Já era o de 4 anos. Eu já saí com o currículo de fonoaudiologia. Quando eu entrei ainda tava naquele processo, quando eu saí, a Estácio de Sá comprou a minha faculdade que era a única no Brasil, basicamente no Rio de Janeiro. Eu era da UNAN, Centro de Pesquisa e Terapia da Palavra, eu estudei nesta faculdade, que eram poucas e ainda estava começando. E ela ficou reconhecida, mesmo porque todo meu grupo e meus antecedentes de alunos foram responsáveis por este reconhecimento da faculdade. Outros fecharam, que na época que outras faculdades fecharam e tal, mas como eu cheguei na faculdade de fonoaudiologia que eu não conhecia.

Ana - Como era o nome?

Dulcineia - Enridunan funcionava como anexo da cruz vermelha, que era ali na Avenida Estácio de Sá.

Ana - Sua faculdade foi comprada pela Estácio de Sá?

Dulcineia - Sim. Então nos tínhamos duas opções, sair como Enridunan ou Estácio de Sá. Eu escolhi Enridunan que foi a faculdade de quando eu entrei. E depois disso, eu descobri porque ia fazer medicina. Eu tinha um amigo chamado Roberto, que era um amor de pessoa, ele trabalhava na superintendência da borracha no Rio de Janeiro, eu tinha ido para lá. Antes eu trabalhei na Imatec, eu era secretária, fui recepcionista. Ai, quando fui para o Rio de Janeiro, fui direto para lá, eu saí, porque eu queria estudar, porque eu achava que não tinha campo. Como eu queria fazer, vai ficar fazendo concurso, ficar fazendo vestibular todo o ano?

Ana - Tu te formaste em 79? D: Em julho de 79.

Ana - Vc saiu em 75 daqui de Manaus?

Dulcineia - Isso. Ai fui, fiz, na época ele achava que era só parte de psicomotricidade, aquelas coisas e tal, e achava ótimo, porque trabalhava o esquema corporal. E ele me falou pelo seu jeito, acho que você tem uma faculdade legal, você só quer medicina? O pessoal é legal. E eu precisava de um lugar para morar, e onde era um colégio de freira. Ai eu fui, ele falou tão bem da faculdade, e olha que ele fez engenharia, mas adorava aquela coisa de brincar, de trabalhar o corpo e eu achei legal.

Ai eu disse, ah, eu vou experimentar, mas o que vocês dão? Qual é a matéria? Ele foi me dizendo algumas matérias e eu achei legal. Porque era mais ou menos dessa área...

Ana - O que você estava pensando?

Dulcineia - É, fui logo, passei, fiz. E como logo no 1º ano tina anatomia, biologia, que eu amava, adorava de paixão, já fui logo me identificando. E aí não quis mais fazer nada e continuei fazendo fonoaudiologia. Fiz fonoaudiologia, e não me arrependo, faria de novo.

Ana - Em julho de 79 então você se formou e veio embora para Manaus?

Dulcineia - Eu fiquei assim, tinha curso, tinha não sei o que, eu me desliguei, passei mais meio período, mais uns seis meses. Eu acho que passei mais um ano e meio. Mas assim, já trabalhando, assim indo e voltando, indo e voltando. Você sempre arranjava uma desculpa para voltar, porque você passa tempo né? Tem amigos, tem lugares, tem coisas que você acha que só tem lá e fiquei mais ou menos assim, indo e voltando, quase assim todos os meses. Ai depois eu fui ficando mesmo no Amazonas, ai foi quando encontrei essa amiga Márcia, já lá na Apae, ai nos ficamos, montamos esse trabalho com Grige, que era de deficiência auditiva.

Ana - Ai você fez uma especialização nessa área no Rio?

Dulcineia - Eu fiz, antes mesmo eu já tinha feito, todo como professora para deficiente auditivo. Eu tinha feito curso de deficiência auditiva, educação especial, só que na época era educação especial e deficiência auditiva, e eu escolhi deficiência auditiva, mesmo. Que ai eu fiz, eu acho que era na Candido Mendes, na Tijuca.

Ana - Dulcineia assim, tu es uma das percussoras e tu estais me dizendo que logo que tu chegastes tu encontraste a Márcia, tu encontraste até uma pessoa aberta, que caminhou contigo alguns anos até ir embora e que haviam outras pessoas que você não lembra agora. Mas assim, agente hoje, ainda sente uma dificuldade muito grande de inserção dos fonoaudiólogos em relação a outras profissões, outros profissionais, local para trabalho. Como foi essa coisa assim? Você já veio do Rio com essa possibilidade de trabalhar na Apae?

Dulcineia - De falar mais assim, eu não conhecia nada. Porque assim de 1º porque assim, quando você se formava naquele tempo, agente não tinha muitas perspectivas de trabalho. Eu vou para tal lugar, são esses e esses lugares que eu devo procurar, agente não tinha isso. Na realidade eu cheguei assim, tomei um susto. Como Fonoaudióloga, vou fazer isso, vou trabalhar com aquilo, mais assim eu já tinha dado estágio em outros colégios de deficiência mental, um pouco alias, mas já conhecia então aquele 1º impacto eu já tinha tomado. Ai assim tinha fisioterapia na Apae, tinha todo o pessoal da reabilitação, e eu fui chegando. Porque assim, quando você gosta de fazer o que você faz, quando você tem curiosidade, fica mais fácil. E eu fui chegando, fui falando. Eu sou fonoaudióloga, eu formei, eu queria saber se tem alguma coisa para eu fazer? Ai foi quando eles me apresentaram. Não sei por quanto tempo não. Mas se você quiser vir. Eu fui né? Aquela coisa da mãozinha né? E de lá, não parei mais, porque assim, eu

nunca tive um trabalho que alguém me desse, olha aqui, vem buscar. Eu sempre batalhei muito. Fui procurar, fui batalhar, fui buscar e dizer o que eu fazia, porque todas as pessoas me perguntavam mesmo na secretaria da educação. Quando eu cheguei para dizer o que, que eu fazia, me perguntavam: O que, que é isso? Vai fazer o que? Ta entendendo? Onde eu posso te encaixar? Como eu posso fazer? Então, eu tive que criar alternativas, para dizer onde eu poderia trabalhar com a equipe. Ai que eu fui descobrir que tem um centro que nunca funcionava, mais poderia estar procurando o pessoal para se agregar e tal, então precisava disso, disso e disso. Eu tenho, inclusive eu tinha amigas que poderia indicar, fulano que faz psicologia, fulano que faz isso. E agente foi se agregando. Depois disso, assim, trabalhei no Ipasea como fonoaudióloga. Trabalhei lá acho que de 80 a 90, não me lembro bem, mas sei que trabalhei mais de 7, 8 anos lá, sempre trabalhei muitos anos. Também outra coisa, ai aquela batalha, porque não sabe onde encaixava você, não sabe para onde você vai? Na área de saúde. O que você vai fazer? Ai você tem que dizer como é que você trabalha, que você tem que fazer, você só não trabalha com educação especial. Trabalha também com pessoas normais e tal, e ai já fui eu, já tinha a Telma, ai já fomos juntas, eu entrei 1º, aí ela entrou em seguida, ela veio, porque estava tentando a casa da criança, não, lá era o hospital da criança né? Pela Susan. Eu fui lá para o Ipasea, fiquei lá muitos anos, até acabou mesmo né? Porque ficou aquele negócio, trabalhava por um período e ganhava mais ou menos igual a um médico. Ai chegaram e disseram, não mais eles são técnicos, eles não podem ganhar a mesma coisa, sendo técnicos, ai agente tinha que provar que não, que agente tinha um curso superior, não era um curso técnico. Nos tínhamos que provar que tinha o diploma, entendeu? Ai as pessoas diziam não, ai nos dizíamos sim, ta aqui é um curso superior. Eu posso trabalhar nesta área, eu posso fazer isso e aquilo.

Ai depois de um tempo, as pessoas foram sentindo necessidade mesmo. Mesmo os médicos, eles procuravam e queriam saber, iam para lá e para cá, para se tratar e todos eles que foram trabalhando e chegando lá, agente foi colocando os honorários, e ai depois fui fazer um trabalho também no hospital de Presidente Figueiredo, que eu fui ai fazer um trabalho em Pitinga né? Fiquei mais ou menos um ano e meio trabalhando. Mas achava uma viagem longa porque eu tinha que ir sozinha, toda sexta feira, eu ia e voltava na segunda, ia e voltava na segunda. Então era bem cansativo, era também muito gostoso, porque era uma comunidade grande, e eu trabalhava numa escola, que era uma das tradicionais de Minas Gerais.

Ana - Aqui em Presidente Figueiredo?

Dulcineia - Não, em Presidente do Vale, em Pitinga, que é município de Presidente Figueiredo. Que ai fiquei na escola de Minas Gerais que tem em todo o Brasil, eles faziam este trabalho em todo o Brasil. Eu fiz esse trabalho lá por um tempo, como fonoaudióloga, ai era outro problema, porque as pessoas nunca sabem onde te colocar, mais ai, como era pelo hospital eu trabalhava para o dr Eliomar, que era um dos diretores titular. Uma pessoa bem conceituada, que dava assim toda a liberdade para a gente fazer parte da equipe também. Então era o único que ia, tava lá junto, e nós fazíamos este trabalho na escola que era para ao invés de montar lá no próprio hospital, foi montado na escola, porque a necessidade era muito escolar. E eu tive a sorte porque quando eu estudei no Instituto de educação, eu tinha muito essa coisa do curso normal, de professora primária, então eu tive muita facilidade para trabalhar com trabalho pedagógico, sempre tive, tanto que na faculdade, quando se tratava deste trabalho eu tive muita habilidade e para mim não foi difícil, porque eu já fazia isso. Eu já trabalhei com criancinha, então 554()-93.5719(e)-1

muito ampla, você só não trabalha na parte de ecolalia, você trabalha na área de saúde, nas artes, você tem um campo muito vasto e hoje existem várias especialidades que eu não sei tanto nomear. Eu comecei fazendo congresso de pediatria e outras áreas. Comecei a contar e descobrir o que tinha por trás da Fonoaudiologia e nós desconhecíamos e eu descobri muita coisa inclusive que nós poderíamos trabalhar nessas áreas.

Eu me sinto feliz de ser a primeira de ter uma faculdade. Antes não se tinha o apoio de ninguém, não tinha local, tinha-se que abrir seu próprio espaço, e graças a Deus eu tive pessoas que me ajudaram, me chamaram para trabalhar, porque nos primeiros meses eu não tinha dinheiro para pagar, porque eu trabalhava na rede globo de televisão, mas saí de lá, eu trabalhava no departamento de pesquisa e marketing, fui secretaria, pesquisadora, auxiliar de pesquisa, trabalhava em Ibope, pesquisa de rua, trabalhei uns dois anos na rede globo, a qual me ajudou a pagar meu final de faculdade. Porque você tinha que tirar boa nota para ter a bolsa. Eu deixei o trabalho de pesquisa na rede globo, pela fonoaudiologia, tinha varias coisas para eu fazer, mais eu deixei tudo pela fonoaudiologia, mas nunca me arrependi. Foi uma coisa certa na hora certa. Hoje é claro a concorrência é maior...

Depois disso eu basicamente entrei na faculdade, comecei a dar aulas, parei porque eu acho que ser professora, tem que ter um tempo exclusivo de faculdade, tem que se dedicar muito. Hoje realmente, eu quero continuar meu curso de doutorado, depois vamos ver o que vai dar daqui pra frente.

Você vê que só aí são 25 anos de estrada. Então, o pessoal fala que não falta quase nada pra mim, e eu acho que falta muita coisa. Imagina como era antes, você trabalhava, trabalhava, de repente o pessoal não sabia o que você fazia, tinha que explicar tudo entendeu? Você tinha todo esse trabalho, não só de explicar para as pessoas que você tratava, mais para os próprios profissionais que trabalhavam na área.

Ana - Foi a maior dificuldade que você teve? Até mais que abrir o mercado, era conscientizar as pessoas qual era o teu trabalho? Esse foi o teu maior desafio?

Dulcineia - Sim, esclarecer as pessoas do que eu fazia e abrir o meu espaço porque se eu não tivesse um espaço as pessoas não iriam dar valor.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Fonoaudiologia: a profissão no Amazonas, dos pioneiros aos atuantes em 2006” – Dissertação de Mestrado

As informações que seguem estão sendo fornecidas para a sua participação voluntária nesta pesquisa, cujo objetivo principal é Escrever a história da profissão no Estado do Amazonas e tem por objetivos específicos: Descrever qual o perfil dos profissionais atuantes no Estado; Caracterizar a atuação profissional no Amazonas; Refletir sobre a qualificação e a noção de competência deste profissional no Estado do Amazonas.

O presente estudo é orientado pela Profª Drª Arminda Raquel Mourão, como forma de conclusão do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da universidade Federal do Amazonas, com autoria da Fonoaudióloga Ana Paula Marques Kauffman.

A metodologia para obtenção de dados nesta pesquisa apóia-se no método histórico-crítico, por meio de uma abordagem metodológica denominada História Oral, que através de entrevistas, trará os subsídios necessários para alcançar seu objetivo principal.

Os participantes da pesquisa serão selecionados de acordo com os seguintes critérios: a) serem fonoaudiólogos com atuação pioneira no Estado; b) serem profissionais atuantes e com contribuição na estruturação da categoria no Estado;

A pesquisadora garante que não há riscos de qualquer natureza para os participantes desta a qual pretende beneficiar acadêmicos, profissionais e pacientes no que diz respeito ao conhecimento da profissão no Estado, na busca de sua identidade profissional, bem como desencadear novos movimento de categoria de permitam o crescimento da profissão local.

Você também tem a garantia de que, em qualquer etapa do estudo, terá acesso a pesquisadora responsável para esclarecimento de eventuais dúvidas. Se desejar, pode entrar em contato com o orientador da pesquisa, profª Drª Arminda Mourão, na UFAM, na faculdade de Educação ou no Programa

de Pós-graduação em Educação em horário comercial.

As entrevistas serão transcritas, e entregue novamente para sua análise, para então, juntar-se ao corpo desse estudo como forma de dados.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo.

Eu, _____, RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de (sujeito objeto da pesquisa), que fui devidamente esclarecido do Projeto de Pesquisa intitulado: **“Fonoaudiologia: a profissão no Amazonas, dos pioneiros aos atuantes em 2006** desenvolvido por Ana Paula Marques Kauffman do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, quanto aos seguintes aspectos:

- a) justificativa, objetivos e procedimentos que serão utilizados na pesquisa;
- b) benefícios esperados;
- c) garantia de esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me (nos) foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa.

Manaus, de Novembro de 2006

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Objeto da Pesquisa (Nome):.....
 RG:..... Data de nascimento:..... / / Sexo: M () F ()
 Endereço: n° Apto:
 Bairro:..... Cidade:..... Cep:..... Tel:.....

Assinatura do Declarante

Representante legal:.....
 Natureza da Representação:
 RG:..... Data de nascimento:...../...../..... Sexo: M () F ()
 Endereço:.....n°.....Apto:.....
 Bairro:..... Cidade:.....Cep:.....Tel:.....

Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Manaus, de de 2006

Assinatura do Pesquisador

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: CARLA DANIELA PEDROSA VARELLA

GRADUADA EM: Fonoaudiologia

UNIVERSIDADE: Universidade Católica de Pernambuco

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE :2002

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS (X)

GRAU DE FORMAÇÃO: graduação

ESPECIALIZAÇÃO : Fonoaudiologia – em curso

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: RAQUEL ANGELLY MOTA DA ROSA ESTRAZULAS

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: FEDERAL DE SANTA MARIA

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (x)

ATUA EM MANAUS DESDE :2004

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : FONOAUDIOLOGIA HOSPITALAR – em andamento _

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: não

DOUTORADO: não

LIVRE DOCENCIA: não

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: LETÍCIA CARDOSO DECIO

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: IMEC

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : 2000

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Lingagem (X) Audiologia () Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL (X)

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : NÃO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: SAMARA LIOÇA LINHARES

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE :2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS (X)

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO :EM ANDAMENTO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data:10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: CLAUDIA REGINA ALVES LEONI

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (x)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz (X) Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : EM ANDAMENTO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data:

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: MARCELA PESSOA SILVA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (x)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz (X) Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição (X) Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : EM ANDAMENTO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data:

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: ALINE COSTA DOS SANTOS GAMA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIFOR

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : _____

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade (X) Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: ESPECIALIZANDA_

ESPECIALIZAÇÃO : AUDIOLOGIA (CEFAC/AM); ADM.HOSP.

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: ZENELI RIOS CAMPOS

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2006

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : NÃO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: TAMES CRISTINA O. LIMA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2007

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : FONOAUDIOLOGIA HOSPITALAR (EM ANDAMENTO)

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOCTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: MÔNICA CABRAL FIGUEIREDO

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : EM ANDAMENTO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: ANA CRISTINA FURTADO DE CARVALHO

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIFOR

NA DÉCADA DE: 70 () 80 (X) 90 () 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE :1997

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica () EM INDÚSTRIA (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO (X)

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : AUDIOLOGIA/PSICOLOGIA

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: KARLA GEOVANA MORAES CRISPIM

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: PUC-SP

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : 2000

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade (X) Instituição () Consultório/Clínica () INDÚSTRIA (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS (X) SEC. EDUC. ESTADO

GRAU DE FORMAÇÃO: MESTRE

ESPECIALIZAÇÃO : AUDIOLOGIA

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: CLAUDIA BARBOSA DE OLIVEIRA DE LUCCA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: USP

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE: 1994

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz (X) Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade (X) Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : PSICOPEDAGOGIA (EM CONCLUSÃO)

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: FABIOLA NANCY RAUCCI KEUPENSKY

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: FUNDAÇÃO LUSIADA/SANTOS-SP

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : 2000

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição (X) Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO (X)

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: PÓS GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO :SAÚDE PÚBLICA/ AUDIOLOGIA

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: GLAURIA ANNE C. NOVO

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE :

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Lingagem () Audiologia () Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica ()

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: BACHAREL EM FONOAUDIOLOGIA

ESPECIALIZAÇÃO : FONOAUDIOLOGIA HOSPITALAR (EM AND)

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: NÃO

DOUTORADO: NÃO

LIVRE DOCENCIA: NÃO

ESTÁ ATUANDO ? SIM () NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: CARLA VANESSA CARVALHO ANTUNES

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2006

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: BACHAREL EM FONOAUDIOLOGIA

ESPECIALIZAÇÃO : _____

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCÊNCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: CONSUELO ROCHA LIMA DA SILVA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : _____

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia () Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica ()

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUADA EM FONOAUDIOLOGIA

ESPECIALIZAÇÃO : FONOAUDIOLOGIA HOSPITALAR (CURSADO)

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM () NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: EMMANUELLE ANAISSI BARRA

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNINILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : _____

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia () Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica ()

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : _____

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM () NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: ADRIANA NOGUEIRA MACHADO DANTAS

GRADUADA EM: 1996

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 (X) 2000 ()

ATUA EM MANAUS DESDE : 2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade (X) Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: PÓS-GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : AUDIOLOGIA E SAÚDE PÚBLICA

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 10/11/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: EDMARA KELLY DE LIMA SOARES

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2004

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem (X) Audiologia () Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: PÓS GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : MO E FONO HOSPITALAR EM ANDAMENTO

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 11/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: SHEILA VIEIRA ASSAYAG

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2004

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: SUPERIOR COMPLETO

ESPECIALIZAÇÃO : MOTRICIDADE ORAL

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 16/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: LIDIANE LIMA DE MENEZES

GRADUADA EM: FONO

UNIVERSIDADE: UNIFOR

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE :2003

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz (X) Linguagem (X) Audiologia (X) Motricidade Oral (X)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: POS GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : AUDIOLOGIA CLINICA E OCUPACIONAL

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 18/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: VIVIANE CAVALCANTE PINTO

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE :2003

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: PÓS GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : EM AUDIOLOGIA

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 09/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: LUDYMILLA LACERDA DO AMARAL

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz (X) Linguagem (X) Audiologia () Motricidade Oral (x)

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição (x) Consultório/Clínica ()

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : MOTRICIDADE ORAL (EM ANDAMENTO)

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 12/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: SELMA CAVALCANTE GOMES

GRADUADA EM: FONOAUDIOLOGIA

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : 2005

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO : _____

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCENCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 22/10/2006

Assinatura:

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS

Nota de esclarecimento: as perguntas que seguem abaixo têm por objetivo exclusivo de trazer uma amostragem do perfil dos fonoaudiólogos atuantes no Estado do Amazonas. Estes dados passarão por análise estatística e serão demonstrados como dados reais de configuração do PERFIL DOS FONOAUDIÓLOGOS ATUANTES NO ESTADO DO AMAZONAS ATÉ O ANO DE 2006.

NOME: TEREZA CRISTINA FURTADO BELEM MEDEIROS

GRADUADA EM: AGOSTO/2005

UNIVERSIDADE: NILTON LINS

NA DÉCADA DE: 70 () 80 () 90 () 2000 (X)

ATUA EM MANAUS DESDE : _____

QUAL ÁREA TRABALHA?

Voz () Linguagem () Audiologia (X) Motricidade Oral ()

LOCAL DE ATUAÇÃO:

Universidade () Instituição () Consultório/Clínica (X)

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO ()

SECRETARIA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO ()

OUTROS ()

GRAU DE FORMAÇÃO: GRADUADA

ESPECIALIZAÇÃO : _____

ESPECIALISTA EM, favor adicionar o número do título de especialista

MESTRADO: _____

DOUTORADO: _____

LIVRE DOCÊNCIA: _____

ESTÁ ATUANDO ? SIM (X) NÃO ()

Data: 20/10/2006

Assinatura: